CLASS.: 371.912
S231n
TOMBO: 573
SVE

EDVALDO JOSÉ SANT´ANNA

"O reflexo, na nota escolar dos 16 bimestres do ensino fundamental, da atuação profissional multidisciplinar em crianças portadoras de deficiência auditiva, atendidas pelo CEDALVI - USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru."

Dissertação apresentada como exigência parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação à Comissão Julgadora da Universidade Estadual Paulista, sob orientação da Profa. Dra. Teresa Corrêa Cariola

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
BIBLIOTECA
CAMPUS DE MARILIA

Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Filosofia e Ciências
Marília - 1994

1410000573

A G R A D E C I M E N T O

À DEUS PAI TODO PODEROSO, QUE NOS DEU FORÇAS E ESTÍMULOS PARA CONCLUIRMOS MAIS ESTA ETAPA DE VIDA, ATRAVÉS DE TODAS AS PESSOAS E INSTITUIÇÕES QUE PARTICIPARAM NEGATIVA OU POSITIVAMENTE DAS 24 HORAS DE CADA DIA QUE COMPÕEM ESSA GRANDE ESCOLA QUE É A VIDA.

Creio que um dia, o saber não será propriedade privada; que o conhecimento não será mais comercializado em lojas, e que os direitos autorais transformar-se-ão em DEVERES autorais.

Creio que um dia, o ser humano produzira conhecimento para o outro e não mais para si próprio; que a pessoa humana será julgada pelo que ela tem de mais único e intransferível, ou seja, sua integridade.

Creio que um dia, o acesso ao conhecimento será livre e gratuito, simples e objetivo, capaz de fazer entender até a mais simples das pessoas.

Creio que um dia, não será mais necessário ter-se uma coleção de títulos e diplomas para ser-se respeitado enquanto gente e ter-se o direito a uma opinião própria.

Creio que um dia, o dia seja comemorado simplesmente por ser dia; e qualquer ser humano seja escutado, simplesmente por SER, humano.

Edvaldo José Sant'Anna

Comissão Julgadora

_____

Profa. Dra. Teresa Corrêa Cariola

_____

Prof. Dr. Celestino Alves da Silva Júnior

_____

Dr. Wilson Galhego Garcia

S U M Á R I O

Resumo ..... .01

Abstract 02

1 - Introdução 03

1.1 - Breve Memorial 03

1.2 - A Criança Deficiente Auditiva 08

1.3 - O CEDALVI 14

1.3.1 - Retrospectiva Histórica 14

1.3.2 - O Atendimento 16

1.3.2.1 - O Diagnóstico 16

1.3.2.2 - A Adaptação do A.A.S.I. . 17

1.3.2.3 - As Terapias 19

1.3.3 - Sua Evolução 24

2 - Considerações Preliminares 26

3 - Revisão da Literatura 34

4 - Material e Métodos 49

4.1 - A Coleta 49

4.2 - A Análise 56

5 - Resultados 66

6 - Discussão 69

7 - Conclusões 71

8 - Comentários Finais 72

Glossário 74

Tabelas 77

Gráficos 85

Anexos 89

Referências Bibliográficas 103

ÍNDICE DAS TABELAS

I - Nota Escolar atribuída a disciplina de Língua Portuguesa nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru. 77

II - Nota Escolar atribuída a disciplina de Matemática nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru. 78

III - Nota Escolar atribuída a disciplina de Ciências nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru. 79

IV - Nota Escolar atribuída a disciplina de Estudos Sociais nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru. 80

V - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Língua Portuguesa nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru. 81

VI - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Matemática nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não. especiais, na cidade de Bauru. 82

VII- Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Ciências nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru. 83

VIII - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Estudos Sociais nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas .não especiais, na cidade de Bauru. 84

ÍNDICE DOS GRÁFICOS

I - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Língua Portuguesa nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru. 85

II- Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Matemática nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru. 86

III - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Ciências nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru. 87

IV - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Estudos Sociais nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru. 88

ÍNDICE DOS ANEXOS

I Apresentação Pessoal 89

II Relatório de Atividades do Curso de Pós-Graduação . 96

III Reconhecimento Público 99

IV Fluxograma de Atendimento do CEDALVI 101

V Planilha de Coleta de Dados 102

RESUMO

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza corroborativa (não analítica), destinada a verificar, através das variações das notas escolares, o reflexo da atuação profissional multidisciplinar em crianças na fase de ensino fundamental, na escola de 1 Grau (quatro anos iniciais), portadoras de deficiência auditiva, atendidas pelo CEDALVI - USP - Bauru.

Nosso interesse é uma análise sincrônica dos dados da evolução de cada sujeito durante os 16 bimestres do ensino elementar.

O que se busca nesta pesquisa não é verificar a nota escolar conseguida por uma criança portadora de deficiência auditiva, mas apenas acompanhar a evolução desta nota, comparando-a com notas anteriores e tentar estabelecer um crescente, nesta evolução, no decorrer do atendimento médico multidisciplinar.

ABSTRACT

This study characterize itself like an corroborative investigation (not analytical), destined to verify, through the school mark variation, the reflex of multidisciplinary profissional action with children in fundamental education stage, on first degree school (four inicial years), with hard of hearing people, that have been attending by CEDALVI - USP - Bauru.

Our interested is a synchronous data analysis, from the evolution of each fellow during sixteen bimesters of elementary education.

What we are looking for, is not to verify the school mark of a hard of hearing child, but just to accompany the evolution from this school mark, compering it with previous ones and trying to establish an increasing, on this evolution, as goes by the multidisciplinary medical action.

1 - INTRODUÇÃO

1.1 - Breve Memorial

O sonho do curso universitário foi alcançado em janeiro de 1986, com a aprovação no concurso vestibular da Universidade do Sagrado Coração na cidade de Bauru.

Concluinte do curso de Ciências Farmacêuticas, idealista e sonhador, crédulo no futuro do país e com todas as energias de um jovem de 20 anos, iniciei minhas atividades profissionais na área de produção de medicamentos com uma sociedade em uma Farmácia de Manipulação. Conclui o curso de Farmácia em julho de 1989.

Buscando aprimorar meus conhecimentos administrativos visando um melhor gerenciamento do pujante negócio, ingressei em uma segunda faculdade em fevereiro de 1989 na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus Bauru, no curso de Tecnologia em Gerência. Foi nessa universidade que surgiu a oportunidade de fazer um curso de balé clássico junto as aulas de Educação Física, sob responsabilidade da professora Ana Flora Zaniratto Zonta, propiciando o desenvolvimento da sensibilidade artística e desenvolvimento de uma maior percepção e domínio corporal.

B.C.P.Mar
B.C.P.A.M.

Durante o ano de 1990, fui convidado por uma colega do curso de Gerência a participar do Movimento Escoteiro do Brasil, auxiliando a chefia de um grupo de "lobinhos" (composto por crianças de sete à nove anos de idade), quando tive a oportunidade de aprimorar o relacionamento educativo com crianças e potencializar a dimensão criativa das atividades corporais integradas a comunidade infantil e ao contato com a natureza.

Dessa conivência com atividades escoteiras e artísticas, em setembro de 1990, fui convidado a participar do grupo "D.A. Corpore" sob direção da arte educadora Nadja Maria Goes Rodrigues, atividade esta sediada e patrocinada pelo Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais da Universidade de São Paulo, campus Bauru através do então LEAL (Laboratório de Estimulação da Audição e Linguagem), atual CEDALVI (Centro de Atendimento aos Distúrbios da Audição, Linguagem e Visão).

Pelo convívio e trabalho com crianças e adolescentes portadores de deficiência auditiva e com o incentivo e apoio da arte-educadora Nadja Maria Goes Rodrigues, ingressei no curso de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus Marìlia no ano de 1991, com o intuito de aprimorar meus conhecimentos teóricos na área educacional.

A principio, pensei em desenvolver uma pesquisa, relacionando as atividades de expressão corporal e dança com os efeitos gerais da ação multidisciplinar realizada no CEDALVI e assim, no primeiro ano do curso de pós-graduação, optei por cursar "O Lúdico e o Ensino: organização formal de elementos culturais pelo professor", ministrada pelo Prof. Dr. Lafayete Ibraim Salimon, além das disciplinas "Etapas de Investigação Científica", ministrada pelo Prof. Dr. Luiz Barco, e "Psicologia Social do Ensino", ministrada pelo Prof. Dr. Sadao Omote.

Essas disciplinas proporcionaram o amadurecimento de minhas idéias de pesquisa, fazendo-me perceber a amplitude do tema antes idealizado; assim, restringi o campo da pesquisa, adequando-o a interesses maiores do próprio CEDALVI em desenvolver uma investigação científica sobre o reflexo da proposta multidisciplinar hospitalar na escolaridade da criança portadora de deficiência auditiva, tema este apresentado em meu projeto de pesquisa, no início de 1992.

Minha atuação no grupo "D.A. Corpore" expandiu-se de apoio técnico-artístico, para um maior envolvimento na profilaxia sanitária e educação para a saúde dos pacientes e familiares, utilizando de técnicas comunicativas em atividades lúdicas através da dança e expressão corporal.

Conclui o curso de Gerência em janeiro de 1992 e no mesmo ano iniciei o curso de Licenciatura em Ciências do Primeiro Grau junto a Universidade do Sagrado Coração, buscando otimizar meus conhecimentos didático-pedagógicos na área das Ciências Biológicas.

Com o intuito de conhecer melhor a estrutura geral do pensamento e da escolaridade do deficiente auditivo, no primeiro semestre de 1992 cursei as seguintes disciplinas: "Fronteiras entre o Verbal e o Não-Verbal", ministrada pela Profa Dra. Besma Massad, e "O Ato de Estudar: uma abordagem psicológica", ministrada pelo Prof. Dr. José Augusto da Silva Pontes Neto.

Interessando-me também em conhecer mais as potencialidades dos recursos modernos da comunicação, ingressei em junho de 1992 no Curso de Especialização Teórico-Prático em Comunicação Social promovido pela Universidade São Francisco, na cidade de São Paulo. Durante esse curso, pude descobrir um novo horizonte de possibilidades frente às dificuldades vividas na educação.

Conclui o curso de especialização com a entrega da monografia exigida, sobre o tema "Atratividade Gráfica" no mês de maio de 1993, tendo obtido nota 10,0 (dez inteiros) como avaliação na data de 02 de fevereiro de 1994.

No segundo semestre de 1993, senti a necessidade de aprofundar meus conhecimentos na área da educação de deficientes, assim cursei "Educação Especial no Brasil", ministrada pelo Prof. Dr. João Bosco da Costa Azevedo, como disciplina complementar aos créditos obrigatórios já integralizados junto ao campus de Marìlia da UNESP, no curso de pós-graduação.

Em janeiro de 1994, conclui o curso de Licenciatura em Ciências, tendo sido agraciado com o "Prêmio Irmã Arminda", pela obtenção da maior média geral dentre os 215 formandos do ano de 1993 de todos os cursos do Centro de Ciências Biológicas e Profissões da Saúde.

Aos 18 dias do mês de abril do ano de 1994 fui considerado apto a concluir o mestrado pela Comissão Julgadora da Universidade Estadual Paulista - campus Marília, através do Exame de Qualificação; apresentando agora os resultados de minha pesquisa para obtenção do grau de Mestre em Educação.

As demais atividades por mim desenvolvidas estão devidamente registradas nos anexos I , II e III, Apresentação Pessoal, Relatório de Atividades do Curso de Pós-Graduação e Reconhecimento Publico, respectivamente.

1.2 - A Criança Deficiente Auditiva

Em BEVILACQUA (1987)[01], encontramos as definições de conceitos básicos sobre a criança deficiente auditiva. Em se tratando de um texto simples e direto a transcrição de alguns trechos e respectivas figuras, trarão uma noção técnica sobre a principal característica da população alvo de nossa pesquisa:

> "Buscando a compreensão do que seja uma deficiência auditiva, é importante que se saiba um pouco sobre a audição. É através do ouvido e da audição que aprendemos a reconhecer os sons ambientais. Esses sons podem ser fortes (o tiro de canhão) ou fracos (o chocalho de um bebê).
>
> Os sons percorrem um caminho que vai do meio ambiente passando pelo ouvido externo, médio, interno, nervo auditivo e indo até o cérebro.
>
> O pavilhão auricular ou "orelha" e o conduto auditivo externo facilitam o percurso das ondas sonoras até o tímpano. O tímpano é uma estrutura frágil, que divide o ouvido externo do ouvido médio. Essa membrana timpânica vai vibrar como a película de um tambor, transmitindo as ondas sonoras para os ossículos

do ouvido médio, que são: o estribo, o martelo e a bigorna. Por sua vez, os ossículos transmitem as ondas sonoras para as células ciliadas do Órgão de Corti, que constituem parte da cóclea e que estão no ouvido interno (fig. 1). Quando as ondas sonoras atingem o ouvido interno, ocorre a diferenciação entre um som agudo (o cantar de um pássaro), um som grave (o barulho de um ônibus), um som longo (o ruído de uma furadeira), ou um som de curta duração (o ruído de uma vareta partindo-se ao meio)." (p.01)

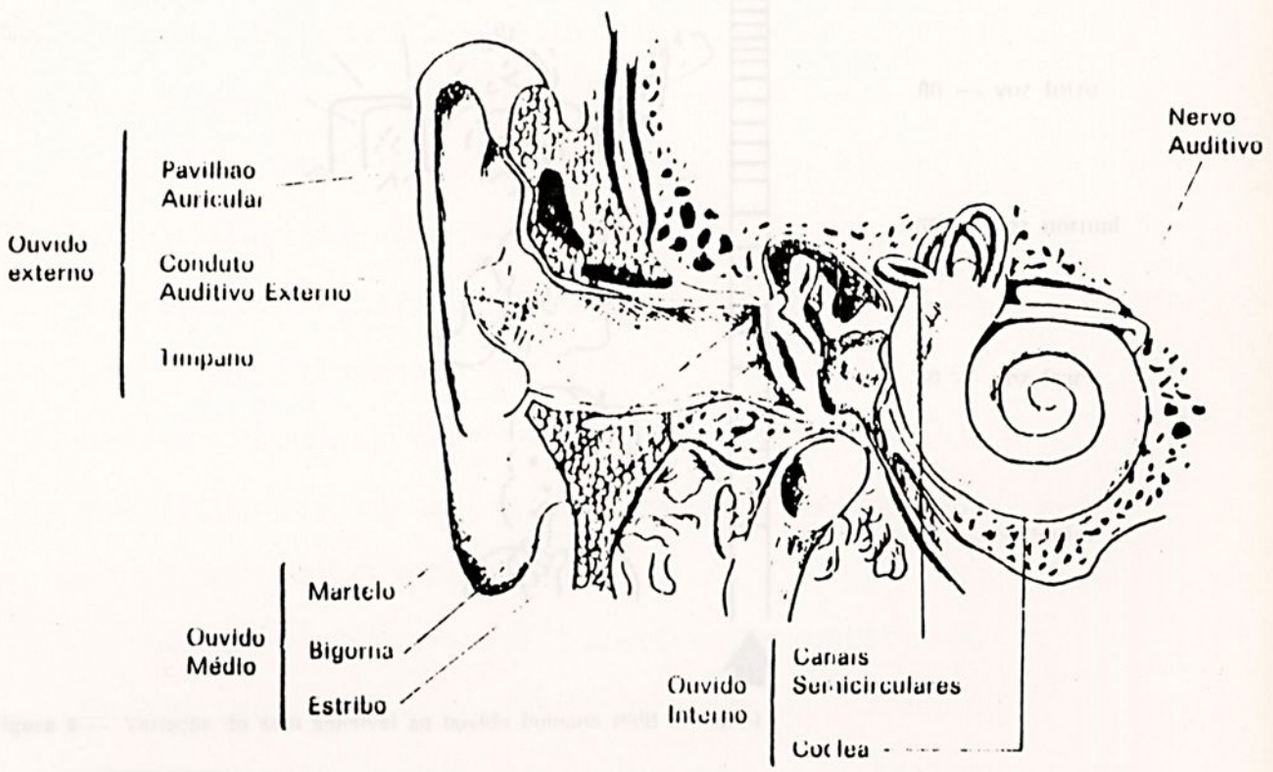


Figura 1 — Esquema do ouvido.

A partir desses conceitos básicos de anatomia e fisiologia da audição, observemos as considerações sobre a surdez de BEVILACQUA (1987)[01]:

"É importante saber que o som é medido em decibel(dB), existe uma variação de 0 dB a 140 dB. (fig. 2).

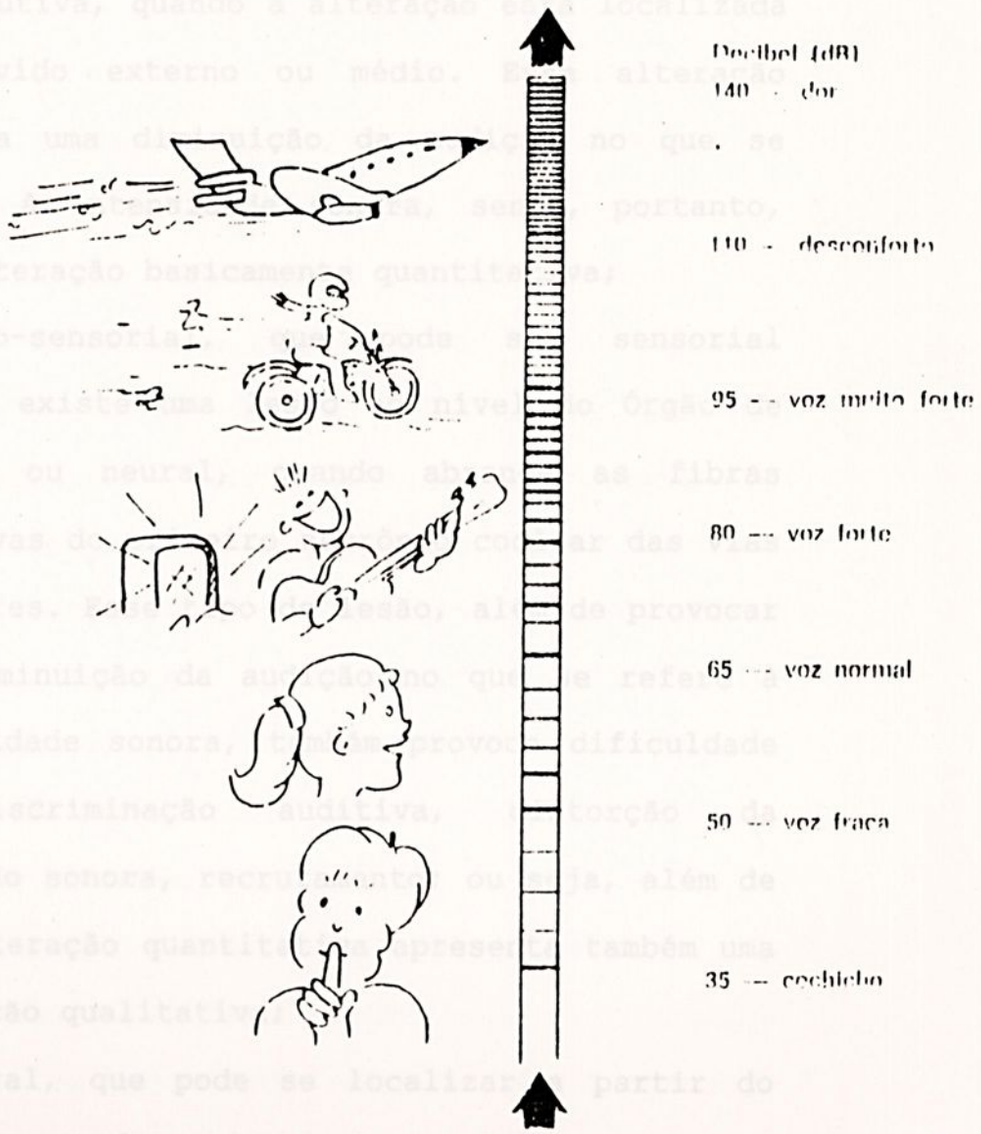


Figura 2 - Variação do som sensível ao ouvido humano (0dB a 140dB)

A partir desses conceitos, as deficiências auditivas podem ser classificadas de duas maneiras fundamentais: quanto à localização da alteração no ouvido e nas vias auditivas e quanto ao grau de comprometimento da lesão auditiva.

No primeiro caso, a deficiência auditiva pode ser:

1.condutiva, quando a alteração esta localizada no ouvido externo ou médio. Essa alteração provoca uma diminuição da audição no que se refere à intensidade sonora, sendo, portanto, uma alteração basicamente quantitativa;

2.neuro-sensorial, que pode ser sensorial quando existe uma lesão ao nível do Órgão de Corti, ou neural, quando abrange as fibras auditivas do primeiro neurônio coclear das vias cocleares. Esse tipo de lesão, além de provocar uma diminuição da audição no que se refere à intensidade sonora, também provoca dificuldade na discriminação auditiva, distorção da sensação sonora, recrutamento; ou seja, além de uma alteração quantitativa apresenta também uma alteração qualitativa;

3.central, que pode se localizar a partir do tronco-central até regiões subcorticais e córtex, sendo também uma alteração qualitativa e/ou quantitativa quanto ao processo auditivo.

No segundo caso, ou seja, quanto ao grau de comprometimento, as subdivisões são definidas pelos limiares tonais. Cabe lembrar que o limiar normal vai até 20 dB.

1.deficiência auditiva leve, quando o rebaixamento do limiar auditivo chega até 40 dB;

2.deficiência auditiva moderada, quando o rebaixamento do limiar auditivo vai de 45 a 70 dB;

3.deficiência auditiva severa, quando o rebaixamento do limiar vai de 75 a 85 dB;

4.deficiência auditiva profunda, quando o limiar auditivo é superior a 85 dB. Quando atinge o nível de 90 dB, alguns autores consideram este estado como surdez. O campo de freqüência em que o indivíduo possui audição também é importante nesta classificação; quando apresenta resposta apenas abaixo de 1000 Hz, ou seja, não há resposta nas freqüências agudas, também é considerado um caso de deficiência auditiva profunda. (...)

Desta forma, as expressões "surdo" e, principalmente "surdo-mudo" são conceitos arcaicos em nosso meio educacional. A anacusia bilateral, ou seja, ausência total de audição, em ambos os ouvidos é uma patologia pouco

> freqüente e podemos afirmar que o tipo de conceituação da população deficiente esta relacionado com a função social do indivíduo em um determinado contexto social. Assim sendo, há alguns séculos atrás, todo deficiente auditivo severo e profundo era visto como surdo-mudo.
> (...)
> Houve então a ampliação do conceito de surdez. O "surdo" passa a ser considerado deficiente auditivo, e neste novo conceito esta implícita a possibilidade de "treinamento auditivo", ou seja, da utilização da audição residual como mais um recurso sensorial na sua educação." (p.2-3)

Pelo exposto, ressaltamos que, as diferenças individuais presentes em nossa população de estudo, não serão consideradas, uma vez que o tratamento junto ao CEDALVI é dado especificamente a cada situação, como veremos a seguir. Nosso intuito é apenas e simplesmente levantar os reflexos desse tratamento junto a escolaridade, mais especificamente na nota escolar, das crianças portadoras de deficiência auditiva.

1.3 - O CEDALVI

Com o nível de aprimoramento que o saber humano atinge hoje, os profissionais estão cada vez mais especializados em um fragmento do conhecimento.

Aceitando essa condição da evolução científica, o homem volta à sua tendência social, buscando reunir, em equipes, profissionais de diversas áreas, para tratarem um determinado caso. É o que acontece em estudos ambientais, pareceres jurídicos, laudos técnicos em engenharia, etc. Com relação ao tratamento da saúde, ocorre o mesmo.

1.3.1 - Retrospectiva Histórica

Segundo as informações disponíveis nos Relatórios de Atividades (1988[20], 1989[21] e 1990[22]) do então Laboratório de Estimulação da Audição e Linguagem, hoje CEDALVI - Centro de Atendimento aos Distúrbios da Audição, Linguagem e Visão, da Universidade de São Paulo, o censo das pessoas deficientes, realizado em Bauru, em 1981, promovido pela Prefeitura Municipal e Fundação Projeto Rondon, mostrou um alto índice de deficientes de sensibilidade em nossa cidade, com destaque para os problemas auditivos.

Em 1985, com o apoio do Rotary Club de Bauru-Oeste foi criado um Banco de Aparelhos Auditivos e, em 1986 surge a ADA - Associação dos Deficientes Auditivos, atendendo aos sábados, nas instalações do Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais, USP.

Em dezembro de 1987 foi implantado pelo Hospital, o LEAL - Laboratório de Estimulação da Audição e Linguagem, para recuperação dessa parcela da população, visando a reintegração do portador de deficiência auditiva ao seu meio social, através da prestação de serviços especializados de habilitação e reabilitação.

Os atendimentos agendados tiveram início em janeiro de 1988.

Para um desempenho satisfatório, critérios de prioridade foram fixados devido à demanda. Assim, as crianças têm a preferência nas chamadas, visando oferecer-lhes maiores oportunidades para o desenvolvimento normal da comunicação.

Os atendimentos são realizados atualmente por uma equipe multidisciplinar que inclui médicos (otorrinolaringologista, otolista, foniatra, neurologista, geneticista), fonoaudiólogos, psicólogos, assistentes sociais, pedagogos, nutricionistas, biólogo, terapeuta ocupacional, educador físico e arte-educador.

Após o diagnóstico, teste e indicação do A.A.S.I. - Aparelho de Amplificação Sonora Individual -, este aparelho é cedido ao paciente enquanto durar o processo de reabilitação, ou seja, com prazo indefinido. (ver anexo IV - Fluxograma de Atendimento do CEDALVI)

É requisito para esse atendimento, o compromisso da família com o plano de tratamento, observando os retornos previstos e as terapias fonoaudiológicas oferecidas.

1.3.2 - O Atendimento

Consideraremos, a seguir, as etapas do atendimento de qualquer paciente junto ao CEDALVI.

1.3.2.1 - O Diagnóstico

A fase de diagnóstico da perda auditiva compreende várias etapas de atendimento as quais o paciente é submetido antes da indicação do Aparelho de Amplificação Sonora Individual. Inicialmente é realizada a anamnese fonoaudiológica para a coleta de dados e antecedentes do paciente. A seguir, este é submetido à avaliação otorrinolaringológica para verificar a presença de malformação e ser liberado para os exames audiológicos.

Na avaliação audiológica é considerada a idade do paciente e a sua aptidão em responder aos testes. Assim, ele pode ser submetido a um "screening" se menor de 3 anos, a audiometria condicionada em cabine com brinquedos, audiometria condicionada em campo livre, audiometria tonal limiar, impedanciometria ou ainda ser encaminhado para avaliação objetiva ECOG, BERA ou tomografia computadorizada.

O paciente retorna ao otorrinolaringologista para acompanhamento se caso cirúrgico, submetido a tratamento medicamentoso ou fechamento do diagnostico.

Encerra-se a fase de diagnostico com o encaminhamento do caso ás demais áreas do CEDALVI, como teste e indicação de A.A.S.I., ou mesmo com a sua dispensa através de orientação à família, caso não se confirme a perda auditiva.

1.3.2.2 - A Adaptação do A.A.S.I.

(Aparelho de Amplificação Sonora Individual)

O objetivo do A.A.S.I. é amplificar o som de maneira que o indivíduo que não ouve consiga algum tipo de estímulo sonoro. Através da adaptação de um A.A.S.I. o indivíduo terá possibilidade de se integrar ao mundo de forma natural.

Essa adaptação é realizada em fases, após o término do diagnostico do paciente: primeiro a avaliação dos exames audiológicos para escolha de três prováveis aparelhos adaptáveis à perda, em seguida é retirada a impressão do ouvido - uma "pré-moldagem" - para confecção do molde em acrílico, e depois deste pronto são iniciadas as testagens.

Os testes de A.A.S.I. compreendem os exames audiométricos em campo e "screening" com e sem aparelho.

Terminada a fase de testes é realizada a indicação e se possível a adaptação do aparelho mais adequado ás situações de vida diária do paciente.

Tais procedimentos são acompanhados de orientações quanto ao uso do aparelho, aos pais e pacientes. A revisão do aparelho e re-orientação do paciente é realizada mensalmente, bem como do molde.

O acompanhamento escolar e da vida diária do paciente podem indicar a troca do A.A.S.I., o que é realizado se necessário. Novos exames e testes são realizados a cada ano, a fim de verificar o desempenho do aparelho e do paciente.

Os resultados do presente trabalho de pesquisa serão os primeiros a compilar e relacionar dezesseis bimestres consecutivos da escolaridade de crianças portadoras de deficiência auditiva atendidas pelo CEDALVI.

1.3.2.3 - As Terapias

a) Método Verbotonal - SUVAG

Foi criado em 1954 pelo lingüista e foneticista iugoslavo Prof. Petar Guberina, em Zagreb. Foi trazido para o Brasil em 1968.

Esse método tem como princípios fundamentais a pesquisa de campo optimal e a obtenção da fala natural.

A pesquisa de campo optimal é a pesquisa do campo corporal ideal para percepção de vibrações sonoras. É em cima desse campo que é feita toda a estruturação da reabilitação. A pesquisa é feita a nível aéreo, ósseo e corporal.

A obtenção da fala natural ocorre trabalhando-se os elementos estruturais da fala (som, entonação, ritmo, tensão, intensidade, pausa, tempo) através das freqüências graves.

O atendimento é feito diariamente com terapias grupais e individuais, com atividades de:

- ritmo corporal: trabalhando-se com a tonicidade muscular, assim faz-se com que a fonação seja possível sem esforço demasiado.

- ritmo musical: servindo de estimulação para sensibilizar o ritmo da palavra e da frase.

- audiovisual: trabalhando-se situações em "slides" que já foram retratadas nas aulas de linguagem, a fim de se obter a capacidade de abstração do deficiente auditivo.

- aula de linguagem: trabalhando-se situações da vida real das crianças dentro do mais concreto possível.

- individual: procurando lapidar o trabalho feito nos setores visando as características específicas de cada paciente.

São utilizados os aparelhos SUVAG I e II com fones de ouvido e vibradores.

b)Método Perdoncini de Estimulação Auditiva e Linguagem

Tem como principio básico a estimulação da audição e para desenvolvimento dos limiares diferenciais (melhora na percepção dos sons e conseqüentemente melhora da fala).

Mesmo crianças que nascem com perda auditiva profunda possuem um resto de audição pelo menos nas freqüências mais graves. Colocando o aparelho de amplificação sonora a criança melhorará seus limiares auditivos a nível de intensidade, entretanto, deve-se saber que mais importante do que ouvir é compreender.

Além da determinação dos limiares de audição, é muito importante determinar os limiares diferenciais, ou seja, as possibilidades de discriminação de sons. A partir daí inicia-se a educação auditiva utilizando-se produções sonoras controladas que, por não variarem, permitem ao deficiente auditivo receber sempre o mesmo sinal, fator importante para a memorização.

A avaliação dos limiares diferenciais vai permitir o conhecimento de uma condição indispensável à educação auditiva, que é a possibilidade de discriminação; esta vai depender de diferenciar os sons, não apenas por sua composição freqüencial, mas igualmente, por sua duração no tempo e por sua intensidade. Esses três parâmetros, principalmente a duração, são a base da capacidade de discriminação.

A metodologia utiliza-se do A.A.S.I. da criança e do equipamento Pulsatone Analyseur, que permite a amplificação, produzindo ainda impulsos sonoros que podem variar (segundo a necessidade do educando) em duração, intensidade e freqüência.

O tempo todo a criança deverá ser estimulada auditivamente e será utilizada também a voz e a música trabalhando-se o ritmo.

São utilizadas estratégias muito variadas para se manter a motivação da criança, sabendo-se que todo o tempo o trabalho deve ser bem concreto para facilitar a aquisição real da linguagem.

c)Método de Audiologia Educacional

O P.A.E. - Programa de Audiologia Educacional tem como objetivo o atendimento precoce do deficiente auditivo. Para tanto passou por diversas fases e influências teóricas, sendo sua preocupação básica a adequação de técnicas e métodos que respeitem o desenvolvimento das crianças portadoras de deficiência auditiva e suas circunstâncias.

O ponto de partida para o trabalho de habilitação são as experiências auditivas intensas. Estas experiências são proporcionadas através de um programa desenvolvido em clínica, casa e escola. A orientação aos pais é fundamental, para que estes possam dar continuidade ao trabalho em casa.

A preocupação básica do programa de habilitação é garantir que a criança conviva com o mundo auditivo durante todo o tempo em que esteja acordada. Como recurso eletrônico utiliza o aparelho de amplificação sonora individual.

O atendimento consta de sessões semanais e visa ir de encontro ás necessidades imediatas da fase de desenvolvimento da função auditiva em que se encontra a criança, como também avaliá-la constantemente.

O conteúdo dessas sessões é a apresentação de sons, os mais "corriqueiros" e perceptíveis ás crianças, considerando sua intensidade e freqüência.

São explorados os ambientes ligados à vida cotidiana da criança (em uma situação de cozinha, por exemplo, usam-se eletrodomésticos, martelo de carne, barulho de água de torneira, etc.).

Durante todo o tempo, a voz é usada como fonte de informação para a criança, enfatizando-se aqui a utilização de um padrão de entonação bastante rico. Em relação ao uso que a criança faz de sua própria voz, utiliza-se como recurso a devolução de padrões de entonação, altura e timbre. Sempre que possível, emitido próximo ao microfone do A.A.S.I., para que o som se torne mais perceptível. Jogos vocálicos, silábicos e onomatopéias são bastante usados.

Todos os sons ambientais, como também as onomatopéias devem fazer parte de um centro de interesse adequado ao paciente, acompanhados de um brinquedo ou miniatura, que se assemelhe ao referente ao qual se esta trabalhando, tentando inserir um contexto o mais concreto possível.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

1.3.3 - Sua Evolução

Durante o ano de 1989, o Programa de Atendimento ao Deficiente Auditivo do Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais, USP, ampliou suas atividades quantitativa e qualitativamente.

O número de pacientes inscritos foi sendo ampliado significativamente, bem como o número de atendimentos.

O quadro do pessoal atuante na equipe também aumentou, com ênfase à absorção de novas especialidades, como Pedagogia, Terapia Ocupacional, Nutrição, Genética, Foniatria e Expressão Corporal.

Com a experiência acumulada em 1988, quando do início das atividades devidamente organizadas, foi possível, durante o segundo semestre de 1989, reestruturar o enfoque global do processo de habilitação e reabilitação.

A partir de 1991, após mais uma ampliação técnica e física, o Centro passou a denominar-se CEDALVI - Centro de Atendimento aos Distúrbios da Audição, Linguagem e Visão.

Até final de setembro de 1992, foram cadastrados mais de 3.600 deficientes, sendo que, destes, cerca de 2.000 encontram-se em atendimento.

No CEDALVI existe uma grande equipe multidisciplinar, que atende pessoas portadoras de várias deficiências, dentre elas, crianças em fase escolar, portadoras de deficiência auditiva.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

O CEDALVI oferece assistência integral e gratuita a indivíduos de qualquer procedência, raça ou cor, possuindo um setor específico para o atendimento de portadores de deficiência auditiva. Tendo por objetivo a reabilitação física e psicossocial das pessoas matriculadas para o tratamento, o Centro é orientado para a pesquisa em todos os setores de atendimento.

No início domês de junho de 1994, o CEDALVI contava com uma média de 75 atendimentos diários, num total de 5.367 pacientes cadastrados e cerca de 4.000 pacientes na fila de espera para a triagem.

2 - CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Atuando no CEDALVI, como estagiário-voluntário junto ao Departamento de Arte-Educação, desde setembro de 1990, sensibilizei-me com o comportamento de crianças portadoras de deficiência auditiva, durante as atividades de fundo recreacional, propostas pelo Departamento, em conjunto com os profissionais das várias áreas que lá atuam.

Ao ingressar no curso de pós-graduação, interessei-me em verificar se realmente a atuação de uma equipe multidisciplinar promove variações relevantes nas notas escolares das crianças lá atendidas.

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza corroborativa (não analítica), destinada a verificar, através das variações das notas escolares, o reflexo da atuação profissional multidisciplinar em crianças na fase de ensino fundamental, na escola de 1o Grau (quatro anos iniciais), portadoras de deficiência auditiva, atendidas pelo CEDALVI - USP - Bauru.

Vamos considerar, em nossa pesquisa, as colocações de CANZIANI (1985)[04], no que se refere ao ensino regular:

"SURDOS:(com surdez grave ou profunda)

Apresentam perda da audição em tal grau que impede a percepção da voz humana, necessitando de métodos, recursos didáticos e equipamentos especiais para aquisição da comunicação (surdez congênita ou perda de audição em tenra idade).

PARCIALMENTE SURDOS:(com surdez média) ou hipoacúsicos (sic)

Embora com perda de audição, podem perceber a voz humana, apresentando dificuldades de compreensão da mensagem e de expressão oral, necessitando de métodos, recursos didáticos e equipamentos especiais para correção e desenvolvimento da linguagem.

Para esses alunos, junto ás técnicas especializadas quanto ao atendimento, dada sua deficiência, deverá ser obedecido o currículo do ensino regular, sendo seu atendimento feito em classe comum, com apoio da Sala de Recursos e/ou Professor Itinerante.

Conforme o diagnostico da equipe multidisciplinar, poderá ser atendido ainda em:

- Centro ou Clínica de Reabilitação Auditiva."

(p.18-9 - grifo nosso)

O comprometimento parcial da audição não impede que a criança freqüente a escola normal. Assim , nesta pesquisa, nossa população foi composta por pacientes do CEDALVI, que se enquadravam na especificação de parcialmente surdos, nascidos entre os anos de 1981 e 1983, ou seja, crianças que em janeiro de 1994 tivessem atingido de 14 a 16 anos de idade. Tal escolha deu-se pelo fato de que somente as crianças nessa faixa etária teriam concluído os quatro anos elementares da escola até o final de 1993, uma vez que em 1988 (ano de início do atendimento da equipe multidisciplinar), nossa população estava iniciando o primeiro ano escolar. Isto nos possibilitou avaliar o reflexo da atuação profissional multidisciplinar, durante os quatro anos da escola elementar, em crianças portadoras de deficiência auditiva, atendidas pelo CEDALVI.

Nosso objetivo foi comparar as notas escolares de crianças durante o ensino fundamental (4 anos iniciais), daí a determinação de nossa população estar entre as crianças nascidas entre 1981 e 1983. Porém, para que a ação multidisciplinar fosse avaliada, essas crianças deveriam ter iniciado suas atividades junto ao CEDALVI ao menos nos

anos de 1988 a 1990, respectivamente, para que o atendimento ao menos coincidisse com o período do ensino fundamental.

Clarifiquemos agora alguns termos que sistematizam os estudos referentes à nota escolar.

Segundo LANDSHEERE (1976)[09], temos as seguintes definições:

> "A docimologia é uma ciência que tem por objecto o estudo sistemático dos exames, em particular do sistema de atribuição de notas e do comportamento dos examinadores e dos examinados.
>
> A docimástica é a técnica dos exames.
>
> A princípio, a docimologia tomou um caráter negativo, criticando as maneiras de classificar e mostrando experimentalmente a falta de fidelidade e de validade dos exames.
>
> Em seguida, entrou numa fase construtiva, tentando propor métodos e técnicas de medida mais objectivos ou, pelo menos, mais rigorosos e afirmando os meios de tornar as notas comparáveis, por forma a assegurar mais justiça escolar.
>
> A doxologia é o estudo sistemático do papel que a avaliação desempenha na educação escolar." (p.13 - grifo nosso)

Neste trabalho consideramos apenas a docimologia, no que se refere à atribuição de notas, como instrumento de comparação.

Para o bom entendimento desta pesquisa, é fundamental a distinção entre esses termos, vulgarmente confundidos ou até mesmo ignorados. Reiterando, não fizemos aplicação da doxologia, criticando o sistema adotado por este ou aquele estabelecimento de ensino e muito menos usamos da docimástica para analisar como as crianças são avaliadas.

Na proposta de uma análise, segundo as raias da fase construtiva dos estudos da docimologia, apenas realizamos uma comparação entre as notas escolares de uma criança portadora de deficiência auditiva, em tratamento por uma específica equipe multidisciplinar e estudando em classe comum, ou seja, que não estivesse recebendo tratamento escolar diferenciado por causa de sua deficiência, a qual simplesmente a limita e não a incapacita de estudar junto com crianças normais, conforme já citado em CANZIANI (1985)[04].

Deste modo, verificamos se a criança, nas condições descritas acima, teve melhora em seu próprio nível de adequação a um sistema escolar pré-estabelecido.

O que nos interessa é uma analise sincrônica dos dados, ou seja, da evolução de cada sujeito no espaço de tempo de quatro anos do ensino elementar, onde verificamos

os reflexos de um trabalho multidisciplinar, durante a fase elementar da escolarização da criança portadora de deficiência auditiva.

Para tanto, verificamos a variação da nota escolar, critério pelo qual a criança será julgada pela comunidade. Reafirmamos que não é objetivo deste trabalho analisar a eficácia dos métodos avaliativos, ou validade do sistema de notas adotado por cada estabelecimento de ensino. Cabe enfatizar que nosso interesse foi traçar a linha evolutiva de cada sujeito desta pesquisa, considerando as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Estudos Sociais, durante os 16 bimestres,, ou seja, o período de ensino elementar.

Estamos excluindo as crianças que freqüentam classes especiais, pois, nesse caso, não poderíamos afirmar que sua evolução estaria relacionada ao tratamento recebido junto ao CEDALVI.

NEVES (1979)[12] afirma:

> "O conceito de julgamento implica a necessidade de critérios ou normas para seu uso como tal. A comparação com efeitos anteriores significa que o progresso de uma pessoa ou de um programa se confronta com o seu próprio desempenho em um momento anterior." (p.37)

O que se buscou nesta pesquisa não foi verificar a nota escolar conseguida por uma criança portadora de deficiência auditiva, mas sim a evolução desta nota, comparando-a com notas anteriores e tentar estabelecer um crescente, nesta evolução, no decorrer do atendimento médico multidisciplinar.

O objetivo global deste estudo foi verificar a variação das notas escolares de crianças portadoras de deficiência auditiva, em terapia no CEDALVI e estudantes de classes comuns da rede escolar pública ou particular da cidade de Bauru, comparando-se as notas obtidas nos 16 bimestres iniciais do tratamento e sua evolução no decorrer desse período.

Não nos interessou analisar quaisquer variações psicológicas da criança com relação à sua deficiência e/ou ambiente escolar/familiar, capacidade pedagógica dos professores, expectativa dos pais e familiares, nem mesmo a eficácia do sistema educacional brasileiro, no que se refere à atribuição de notas no aferimento de conhecimento, visto que o sistema aí está e a criança portadora de deficiência simplesmente terá que aceitá-lo, como as outras crianças o aceitam.

Também não nos interessou avaliar o trabalho dos profissionais da equipe multiprofissional do CEDALVI e sim o reflexo dessa atuação em conjunto, no campo escolar, especificamente na nota escolar da criança portadora de deficiência auditiva lá atendida.

3 - REVISÃO DE LITERATURA

A proposta escolhida para esta pesquisa é delicada, por tratar de forma simples e direta alguns tópicos polêmicos da área educacional, como também por eliminar uma série de considerações na delimitação científica do tema.

Trata-se, pois, de um trabalho restrito a um levantamento de dados e não de análise de causas ou perspectiva de efeitos futuros.

Mesmo assim, devemos registrar algumas idéias e estudos de colegas que nos antecederam, para elucidarmos alguns aspectos teóricos que interagiram em nosso raciocínio no transcurso deste trabalho.

Enquanto pesquisadores, cientistas, ou meramente cultivadores da curiosidade infantil, que deveria permanecer em nossa fase adulta de vida; sempre estamos interagindo, opinando, julgando ou estabelecendo relações com o mundo que nos cerca, conforme afirma EIZIRIK (1984)[06]:

> "As pessoas estão constantemente percebendo e formando impressões sobre outras pessoas, sobre si mesmas e o mundo em que vivem. Este se constitui num processo rotineiro da interação humana e, talvez por isso mesmo, fascinante, em razão da complexidade de seu funcionamento.

Esse interjogo de percepções e interações é o objeto de estudo da percepção social." (p.07)

Não nos prendemos especificamente ás teorias que estabeleceram esse sistema complexo de relações eu-mundo, porém, tratamos de observar como uma das facetas dessa relação estabelece-se entre professor e aluno, em se tratando da proposta de ensino-aprendizagem; mais especificamente do registro efetivo através da nota escolar em um documento que permanece na vida educacional de um ser humano na sociedade atual.

A civilização percebeu o valor histórico dos acontecimentos da vida humana, e tem a necessidade de registrar fatos. Desenvolveu, então, técnicas avançadas para especificar esses registros. Estas ações estão incorporadas radicalmente no mundo de hoje, conforme discorre MEDEIROS (1974)[11]:

> "A necessidade de medir surgiu tão cedo na vida do homem, que ele foi buscar no próprio corpo as primeiras unidades de comparação - o cúbito (comprimento do cotovelo à ponta do dedo médio esticado), o palmo, o pé e o dígito. Como (sic) o correr do tempo, entretanto, cuidou de refinar o processo, criando instrumentos especiais de mensuração. E de tal forma os aperfeiçoou e diversificou, que hoje é capaz de descrever com precisão longa série de

grandezas. Tais informações ganharam para ele tanta importância, que habitualmente possui em casa alguns instrumentos de medida, como a régua ou fita métrica, o relógio, o termômetro, a balança ou vasilhames com a indicação de capacidade. O processo de comparar uma grandeza com outra, tomada para unidade, tornou-se indispensável ao seu dia-a-dia." (p.01)

Nesses temos, percebemos claramente que a educação escolar é um processo intencional que obrigatoriamente implica na verificação e registro dos resultados obtidos, conforme continua MEDEIROS (1974)[11]:

"Este mesmo interesse pela medida manifestou-se no campo da educação, pois que a sociedade se preocupou em facilitar as aprendizagens consideradas necessárias à vida produtiva. A cada passo, o educador procura averiguar se as modificações a que visa no comportamento dos educandos estão sendo de fato alcançadas. A própria pergunta - Como Fulano vai indo?, tão corriqueira, revela quanto se generalizou a consciência do valor deste controle e se percebeu a natureza permanente do seu caráter.(p.01-02)

Assim, a avaliação é parte integrante de todo e qualquer processo educacional. Porém são tão complexos os fatores que interagem para sua estruturação, que devemos questionar constantemente seus resultados, conforme argumenta RAPHAEL (1993)[15]:

> "As técnicas pedagógicas - entre elas se inserem técnicas de avaliação - têm por objetivo obter eficiência na produção escolar. Na medida em que a produção se apresenta ineficiente, as técnicas utilizadas se comprometem, passam a ser retratadas como não confiáveis. As tarefas ligadas à avaliação, quando se configuram desta forma, podem pôr em dúvida todo o processo de ensino-aprendizagem, por apresentarem resultados não válidos ou com baixo grau de confiabilidade." (p.05)

Mas como interromper esta estrutura? Como romper essa cadeia cíclica? O constante estado de alerta, na pesquisa, no estudo e no simples levantamento da situação é a única forma de provocarmos alguma mudança, como percebemos em BRASIL (1978)[02]:

> "A avaliação formativa é o processo sistemático de coleta, organização e interpretação de dados a fim de implementar revisões e modificações no material de ensino, visando à otimização da aprendizagem do aluno." (p.15)

Os dados aqui coletados e sistematizados, antes de trazerem respostas, têm por objetivo maior o levantamento de perguntas. Particularmente não podemos deixar de considerar a nota escolar enquanto parâmetro, uma vez que é ela que fica registrada no "Histórico Escolar" de todos nós.

Falsa ou verdadeiramente fonte de informação, ela é a única que se perpetua enquanto referência. Seu valor é questionável, porém sua presença e sua relevância enquanto instrumento de medida é incontestável, pois o aluno só é promovido se obtiver "x" nota escolar, seja o seu valor numérico ou não. É a nota escolar que historicamente reflete a vida estudantil de um indivíduo.

Ampliando nosso campo de visão consideremos MEDEIROS (1974)[11]:

> "Medida e avaliação estão presentes em todo o processo educacional, seja ele encarado de perto, na sala de aula, seja visto de cima, pelos responsáveis pelo sistema inteiro de educação." (p.07)

E ainda MATOS (1993)[10]:

> "A avaliação de aprendizagem escolar, ritualística, disciplinar, classificatória, arbitrária, favorecendo a retenção e conseqüente evasão das camadas sociais econômica e culturalmente menos favorecidas, acabava por constituir-se em poderoso

> instrumento de seletividade, sob a aparência de eficiência, idoneidade, justiça e neutralidade." (p.02)

Não entramos no mérito das considerações políticas e sociológicas dos fatos em nossa pesquisa; mas devemos ter sempre em mente as considerações acima para podermos compreender as alterações populacionais que serão apresentadas.

GADOTTI (1987)[08], ainda complementa:

> "Seria ingênuo pensar que a avaliação é apenas um processo técnico. Ela é também uma questão política. Avaliar pode se constituir num exercício autoritário do poder de julgar ou, ao contrário, pode se constituir num processo e num projeto em que avaliador e avaliando buscam e sofrem uma mudança qualitativa. É nesta segunda prática da avaliação que podemos encontrar o que uns chamam de avaliação emancipadora e que, na falta de melhor expressão, eu chamaria de "concepção dialética da avaliação"." (p.07-08)

A análise desses fatores neste momento, desvirtuaria o caráter da pesquisa e assim tomamos o cuidado de aqui registrá-los para que sejam estudados especificamente em trabalhos futuros.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp 12 13 14 15 16 17 18 19

RAPHAEL (1993)[15], ainda salienta:

"A maioria dos professores não têm clara a distinção entre mensuração e avaliação, executando muito mais o processo de medida, que evidencia quanto o aluno sabe e não o que e como sabe." (p.06)

Assim como STONE (1980)[19] elucida:

"Visto que o avaliador trabalha num ambiente difícil de manipular, o que dificulta um controle rigoroso, e visto o estado da arte do campo da avaliação em que ainda não se chegou a soluções metodológicas "ideais" (isto é, adequadas à realidade sem sacrifício da confiabilidade), não é surpreendente depararmo-nos com uma impressão geral de que "avaliação é a pesquisa diluída". (...) O resultado é quase caótico: trabalhos repletos de números, formulas, tabelas, alimentados pelo computador, guiados por técnicas estatísticas altamente sofisticadas, ainda que inadequadas ao tema de investigação e à realidade. Tais informações, embora aparentemente confiáveis, nada acrescentam ao entendimento da realidade em questão e contribuem para tornar os esforços do avaliador cada vez menos críveis ..." (p.18)

Assim, nossa proposta é simples, com levantamento cronológico da vida discente de uma determinada população através da evolução de sua nota escolar.

MEDEIROS (1974)[11] nos lembra, porém, que o erro é sempre uma possibilidade:

> "Numa prova escolar, as notas devem traduzir principalmente as diferenças entre os alunos, porém o fator acaso também afeta a variação nelas encontrada. Quem julga as provas pode-se distrair de vez em quando e somar errado os pontos, ou estar momentaneamente indisposto e atribuir notas baixas demais. Numerosos estudos sobre a influência do professor na nota evidenciam enormes divergências no julgamento de uma mesma prova, entregue para avaliação a professores diferentes. Mais grave, porém, é que igualmente são divergentes as notas dadas pelos mesmos examinadores ás mesmas provas ao repetirem o julgamento 15 dias depois.
> Outro fator de erro na nota é o número de questões: quanto menor, tanto mais ficará ela sujeita ao acaso (de saber ou não o aluno aquele ponto). Como cada prova só pode durar espaço limitado de tempo, além do número de perguntas repercute sobre a nota o campo

abrangido pelas questões - se são assuntos importantes, se há várias perguntas sobre um único tema etc.

Finalmente, circunstâncias do próprio momento em que a prova é realizada podem-se refletir na nota, como um aborrecimento grave, uma preocupação absorvente ou uma doença." (p.05)

Pelo exposto, devemos apreciar os resultados do presente trabalho como um simples alerta.

Jamais poderemos reavaliar a vida escolar pregressa de um indivíduo a não ser pelo documento que ele traz daquela data, e assim, mesmo que impreciso, esse registro - a nota escolar - é o único que dispomos; como percebemos em MATOS (1993)[10]:

"Considerando que a avaliação do rendimento escolar representa a fechadura da porta pela qual se efetivam a seletividade, a discriminação, a expulsão das crianças e adolescentes, notadamente dos setores populares, do sistema de ensino, repensar avaliação com base nesse novo quadro teórico de reflexão constitue, sem dúvida, um início do resgate da qualidade política da escola pública." (p.07)

Cabe registrar que, a realidade da escola particular não difere, considerando-se os aspectos já apresentados.

Exemplificando como os fatores que interagem nesse processo são muitos, MEDEIROS (1974)[11] ainda expõe:

> "A moderna filosofia da educação - que defende o desenvolvimento integral da personalidade de cada indivíduo e o seu melhor ajustamento ao ambiente - apoia-se no reconhecimento das diferenças individuais e no seu aproveitamento consciente." (p.02)

O educador reconhece que não há duas pessoas iguais, e se considerarmos somente o aspecto físico, já teríamos tema para uns tantos trabalhos como verificamos em ROSS (1975)[16]:

> "Our culture has long held the belief that physical attractiveness represents only a superficial or minimum influence on the lasting impressions we form of others. However, research has shown that attractiveness has an influence. (...)" (p.96)
>
> tradução: Nossa cultura tem mantido uma longa crença que a atratividade representa somente uma influência mínima ou superficial nas últimas impressões que temos dos outros. Contudo, a pesquisa mostra que a atratividade tem influência.

Tais influências tornam-se mais intrigantes quando especificamos as mesmas considerações em uma população de deficientes, como mostra OMOTE (1986-87)[13]:

> "As pessoas não-deficientes organizam e administram seus conhecimentos sobre as deficiências, criando terminologias e categorias ás quais as pessoas deficientes poderiam pertencer. Uma vez inclinadas numa categoria sob um mesmo rótulo, tendem a ser atribuídas ás pessoas deficientes as características previstas nos membros dessa categoria. O procedimento de atribuição se completa, criando-se aí, em relação ao comportamento dos deficientes, uma espécie de expectativas normativas cuja realização pode ser exigida. (...)" (p.168)

OMOTE (1990-91)[14] ainda complementa:

"(...) Assim, a reação dos outros face a deficiências e a deficientes constitui um importante campo de investigação, cujas descobertas podem auxiliar na compreensão da maneira como as pessoas deficientes funcionam e na organização de novos arranjos educacionais a elas destinadas." (p.139)

Não avaliamos esses fatores, mas novamente levantamos os questionamentos.

Assim, procuramos perceber nossa população nos moldes do pensamento de BEVILACQUA (1987)[01]:

"Vários caminhos podem ser seguidos quando pensamos na criança deficiente auditiva. Pessoalmente, gostaria de explicitar duas concepções que norteiam todo o meu pensamento sobre a deficiência auditiva. A Primeira é que a criança deficiente auditiva é, antes de mais nada, uma criança. É viva, esperta, e tem suas maneiras especiais de ser, como todos os seres humanos, que se distinguem uns dos outros através de suas diferenças. A criança deficiente auditiva aprende a ler, escrever, tem condições de conviver com seus amigos, enfim, pode crescer e se tornar um ser atuante em nossa sociedade, como qualquer um de nós. A outra concepção é de que a criança deficiente auditiva deve ser vista dentro de um contexto social, quer familiar, escolar ou até mesmo de maneira mais abrangente."(prefácio)

Em nossa pesquisa, obviamente percebemos um contexto social, porém optamos em não questionarmos seus fatores; deixando espaço para outros colegas pesquisadores mais capacitados no tema.

Outrossim, consideramos as afirmações de NEVES (1979)[12]:

> "A medida em educação envolve, geralmente, número para expressar em termos quantitativos o grau em que o aluno possui determinadas características.
>
> A medida determina o grau de alcance do objetivo ou valor do produto, atribuindo um valor simbólico em números, a quantificação aumentará a precisão e a objetividade da descrição, facilitando a interpretação dos dados, tornando-os mais significativos." (p.102)

E procuramos facilitar ao máximo a compilação e análise dos dados; medindo as variações numéricas da nota escolar dos indivíduos de nossa pesquisa.

Não pudemos verificar se em nossa população aplicava-se os estudos de ELOVITZ (1982)[07]:

> "The impact of facial attractiveness as a source of bias in the decisions of school psychologists has not been reported. However, there is evidence that attractiveness influences teachers´behaviors and judgments. Teachers have been shown to rate attractive children more positively than unattractive children on many attributes such as intelli-

gence, emotional stability, and academic expectations (...). Teachers tend to give their more attractive students higler report card grades (...), and more positive teacher/student interactions occur with attractive pupils (...)." (p.339)

tradução:

O impacto da atratividade facial como origem da tendência nas decisões da psicologia escolar não foi comentada. Contudo há evidências que a atratividade influencia o comportamento dos professores e os julgamentos. Os professores avaliam as crianças atraentes mais positivamente do que as crianças sem atrativos, em muitos atributos como inteligência, estabilidade emocional e expectativas acadêmicas. Os professores tendem a dar notas maiores aos estudantes mais atraentes e ocorrem maiores interações entre professores e estudantes com alunos atraentes.

Mesmo sabendo que esse assunto viria a enriquecer nosso conhecimento sobre o tema, estamos certos de que seja merecedor de um estudo particular.

E assim, percebemos todos os aspectos citados por RAPHAEL (1993)[15]:

> "A avaliação, como componente da educação formal, resulta, portanto, de inúmeros fatores não só relativos a teorias pedagógicas, mas vinculados a influências históricas, sociais, políticas, econômicas e tantos mais quantos forem os aspectos que se possa pensar sobre o homem." (p.17)

Como também valorizamos o que MATOS (1993)[10] registra:

> "Assim sendo, por falta de um posicionamento político consciente, o professor acabaria entrando, na prática concreta da sala de aula, no jogo das expectativas determinadas pela sociedade, guiando-se pelos parâmetros dos valores pregados pelo grupo hegemônico ao qual serve a educação." (p.03)

Com toda essa revisão da parca literatura disponível, os resultados aqui apresentados devem ser apreciados acima de tudo como uma "fotografia da realidade", visto que foi extraída de um documento real e legalmente reconhecido como registro de um período da vida, ou seja, um memorial; ou melhor dizendo, um Histórico Escolar.

4 - MATERIAL E MÉTODOS

4.1 - A Coleta

Em janeiro de 1992, fizemos um levantamento junto ao Livro de Registro do CEDALVI, onde listamos 412 (quatrocentos e doze) cadastros de pacientes nascidos entre 1981 e 1983, uma vez que não há como acessar este dado por computador. A partir desta listagem, verificamos cada um dos 412 cadastros, separando-os por deficiência e obtendo assim um registro de 383 deficientes auditivos, 09 deficientes visuais e 20 deficientes de linguagem.

Analisando os prontuários destes 383 deficientes auditivos, selecionamos apenas os residentes na cidade de Bauru, obtendo o número de 90 portadores de deficiência auditiva residentes em Bauru no momento do cadastramento. Cabe a ressalva de que estes dados também não estavam disponíveis no computador e foram verificados manualmente.

Desta população inicial de 90 pacientes, foi montado um Livro de Controle para contato, pois no prontuário do paciente não consta o nome da escola em que está matriculado. Este livro foi composto pelas seguintes informações: número do registro junto ao CEDALVI, nome completo do paciente, data de nascimento, data do início do atendimento, nome completo dos pais, endereço, telefone e posição atual de atendimento.

A partir dessas informações, foram localizados, junto ao computador de agendamento, as datas em que esses pacientes estariam no hospital. Posteriormente foi acionado o Departamento de Serviço Social para entrevistar os pais, solicitando o nome da escola em que o paciente estudava, tipo de classe (especial ou não), além de outras informações, conforme modelo abaixo:

Edvaldo José Sant'Ánna
desenvolvendo pesquisa no CEDALVI

PEDE A GENTILEZA AO SERVICO SOCIAL

QUE PREENCHA AS LACUNAS
COM AS INFOMAÇÕES DESTE PACIENTE
E CONFIRME AS Já EXISTENTES

R.G. : _____ data nas: _____

Nome : _____

Nome da Escola : _____

_____

Matriculado em que série _____

Classe Especial ? ( ) SIM ( ) NÃO

Com quantos anos entrou para a escola: _____

Repetiu alguma série ?

( ) SIM - QUAL (quais): _____

( ) NÃO

Data: __ / __ / __

Atendido por : _____

Agradeco sua colaboracão,

_____

A 573

O instrumento de pesquisa utilizado foi uma planilha de dados, especialmente preparada à partir do prontuário de matrícula junto ao CEDALVI e do histórico escolar de cada sujeito.

Nesta planilha constavam as notas escolares das disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Estudos Sociais do histórico escolar da criança, dos 16 bimestres letivos do ensino fundamental, iniciais do nome da criança, data de nascimento, série cursada em cada ano letivo, além de um número-código, conforme modelo no anexo V.

Para coletarmos os dados, inicialmente fizemos a triagem dos 90 prontuários de portadores de deficiência auditiva, residentes em Bauru, no momento do cadastramento, crianças essas nascidas entre janeiro de 1981 e dezembro de 1983 e matriculadas junto ao CEDALVI. Buscamos selecionar as crianças que entraram em terapia ao menos no mesmo ano que iniciaram a primeira série do ensino fundamental e que estivessem freqüentando escolas e/ou classes não especiais para deficientes.

Durante o ano de 1992, esses dados foram sendo coletados e analisados. Dessa data até janeiro de 1994, tivemos, dentre os 90 pacientes selecionados: 01 óbito; 07 estudantes de classe especial; 22 que interromperam o atendimento junto ao CEDALVI; 20 que iniciaram o atendimento no ano de 1991; 01 que iniciou o atendimento

em 1991 e também interrompeu-o; 03 que iniciaram o atendimento em 1991 e também são estudantes de classe especial; 05 cujos dados, embora solicitados, não chegaram às minhas mãos; 01 cuja família mudou-se da cidade, deixando de estudar em Bauru; e 13 com erro de registro no Livro de Registro do CEDALVI, sendo 01 nascido em 1984, 03 não residentes em Bauru, 06 não deficientes auditivos, e 03 não deficientes auditivos e que iniciaram o atendimento em 1991.

Assim, em janeiro de 1994 chegamos a um total de 17 pacientes nas condições descritas como critério de população, ou seja, estar em tratamento no CEDALVI durante o período de ensino elementar e estudar em classe comum junto à rede escolar pública ou particular de Bauru.

Posteriormente, levantamos, nas secretarias das escolas onde as crianças estavam matriculadas, os dados relativos às notas atribuídas nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Estudos Sociais e Ciências, conforme o histórico escolar.

Durante esse levantamento, constatamos que dentre os 17 sujeitos da pesquisa: 02 estavam matriculados em classes especiais, 02 deixaram de estudar e 05 iniciaram os estudos após 1990, não tendo completado 16 bimestres de estudos. Assim, nossa população restringiu-se a 08 (oito) sujeitos.

No que se refere à disciplina de Estudos Sociais, alguns estabelecimentos de ensino distinguem-na em História e Geografia. Em tais casos, usamos a média aritmética entre as notas atribuídas a elas, conforme a fórmula:

$$\frac{\text{nota de História + nota de Geografia}}{2}$$

Quanto ao registro de notas, alguns estabelecimentos de ensino adotam o sistema numérico de atribuição de notas de zero a dez, com duas casas decimais. enquanto outros estabelecimentos adotam o sistema de conceitos, de "E" a "A".

Como nesta pesquisa nossa investigação está centrada na variação da nota escolar e não na quantificação de conhecimento, para viabilizar o somatório dos dados, convertemos os conceitos em notas numéricas, conforme a tabela a seguir:

conceito "A" = nota 10,00
conceito "B" = nota 8,00
conceito "C" = nota 6,00
conceito "D" = nota 4,00
conceito "E" = nota 2,00

Segundo o decreto nº. 21.833/83, publicado no Diário Oficial do Estado, em SÃO PAULO (1983)[17] e a resolução no. 241/85, publicada no Diário Oficial do Estado, pela Secretaria Estadual de Educação , em SÃO PAULO (1985)[18], as escolas públicas estaduais instalaram o sistema de Ciclo Básico, onde não há quantificação de aprendizagem para os 4 bimestres iniciais do ensino fundamental, sendo a promoção automática. Assim, numericamente adotaremos o registro da nota 6,00 para cada um dos 4 bimestres iniciais.

Nos 4 bimestres seguintes, o professor registra semestralmente uma apreciação de rendimento satisfatório ou não, indicando se o aluno está apto a acompanhar a próxima fase. Neste caso, numericamente adotamos o registro da nota 6,00 para os alunos que foram promovidos para a fase seguinte e a nota 4,00 para os retidos.

Tais considerações tornam-se imprescindíveis para viabilizar o somatório dos dados dos sujeitos que estudavam em escolas estaduais, com os dados dos demais sujeitos.

Verificamos a variação das notas escolares, separadamente por disciplina

Finalizando, analisamos os dados aglutinados da população, mostrando se a atuação profissional multidisciplinar do CEDALVI teve reflexos junto à nota escolar de crianças portadoras de deficiência auditiva que estudavam na rede escolar pública ou particular da cidade de Bauru.

Cabe registrar que a população desta pesquisa está eqüitativamente distribuída entre ensino público e privado, ou seja, 50% de nossa população é estudante de escola pública e 50% estuda em escolas particulares na cidade de Bauru.

4.2 - A Análise

Todo trabalho científico, utiliza-se das ciências auxiliares para a confirmação de sua veracidade, como também para subsidiar alternativas técnicas que viabilizem a pesquisa, de forma a obter-se um reconhecimento universal de seus resultados.

As provas estatísticas, mundialmente conhecidas e reconhecidas como instrumento de verificação de validade ou nulidade de resultados são muitas vezes utilizadas indiscriminadamente.

O pesquisador brasileiro encontra dificuldades mil na análise dos dados de sua pesquisa, pois o curso universitário desconsidera a formação do profissional pesquisador e valoriza a formação do profissional técnico.

Por outro lado, os profissionais matemáticos, mais especificamente os estatísticos, são raros em nosso país, e muitas vezes, os que temos acesso, não foram adequadamente preparados para auxiliar pesquisadores de outras áreas.

Assim, achamos por bem pormenorizar a teoria estatística que embasa a análise dos dados de nossa pesquisa.

Para tanto, lançamos mão das informações contidas em uma obra geral de Estatística.

Verifiquemos as afirmações de COSTA NETO (1977)[05]:

"Podemos considerar a Estatística como a ciência que se preocupa com a organização, descrição, análise e interpretação dos dados experimentais. Essa conceituação é absolutamente geral e engloba o conceito usual do que seja a Estatística. Esse conceito usual, popular, logo relaciona a Estatística com tabelas e gráficos nos quais os dados experimentalmente obtidos são representados. (...)Evidentemente, tanto a parte de organização e descrição dos dados como aquela que diz respeito à análise e interpretação são importantes. É razoável também que, para poder-se fazer a análise e interpretação dos dados observados, deva-se primeiramente proceder à sua organização e descrição. Dentro dessa idéia, podemos considerar a ciência Estatística como dividida basicamente em duas partes: a Estatística Descritiva, que se preocupa com a organização e descrição dos dados experimentais, e a Estatística Indutiva (são também utilizados os termos Estatística Inferencial ou Inferência Estatística, ou, ainda, Indução Estatística), que cuida da sua análise e interpretação." (p.1 - texto entre parênteses corresponde a nota de rodapé do autor)

Antes de particularizarmos as diferenças entre os ramos da Estatística, devemos elucidar alguns termos técnicos para justificar nossa opção de análise dos dados obtidos. COSTA NETO (1977)[05] apresenta as seguintes considerações:

> "Uma população ou universo, no sentido geral, é um conjunto de elementos com pelo menos uma característica comum. Essa característica comum deve delimitar inequivocamente quais os elementos que pertencem à população e quais os que não pertencem.
>
> Ora, em qualquer estudo estatístico, temos sempre em mente pesquisar uma ou mais características dos elementos de alguma população. Os dados que observaremos, na tentativa de tirar conclusões sobre o fenômeno que nos interessa, serão referentes a elementos dessa população." (p.2)

Podemos assim, destacar do título desta monografia, a população que é alvo de pesquisa, ou seja, crianças portadoras de deficiência auditiva, atendidas pelo CEDALVI - USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru.

Observemos agora as considerações de COSTA NETO (1977)[05] quanto ao tamanho da população e definição de amostra:

Uma vez perfeitamente caracterizada a população, o passo seguinte é o levantamento de dados acerca da característica (ou características) de interesse no estudo em questão. Grande parte das vezes, porém, não é conveniente, ou mesmo nem é possível, realizar o levantamento dos dados referentes a todos os elementos da população. Devemos então limitar nossas observações a uma parte da população, isto é, uma amostra proveniente dessa população. Uma amostra é, pois, um subconjunto de uma população, necessariamente finito, pois todos os seus elementos serão examinados para efeito da realização do estudo estatístico desejado." (p.2)

COSTA NETO (1977)[05] ainda continua:

"É intuitivo que, quanto maior a amostra, mais precisas e mais confiáveis deverão ser as induções realizadas sobre a população. Levando esse raciocínio ao extremo, concluiríamos que os resultados mais perfeitos seriam obtidos pelo exame completo de toda população, ao qual se costuma denominar censo ou recenseamento. Essa conclusão é válida em teoria, mas na

prática, muitas vezes, não se verifica. De fato, o emprego de amostras pode ser feito de modo tal que se obtenham resultados confiáveis, em termos práticos equivalentes, ou até mesmo melhores do que os que seriam conseguidos através de um censo. (Esta última afirmação pode parecer paradoxal. Citemos como ilustração, o caso em que uma amostra poderia ser examinada por uma equipe de alto nível, fornecendo resultados confiáveis, ao passo que, para fazer o censo, deveríamos recorrer a uma equipe bem maior, cujo nível médio seria mais baixo, diminuindo a confiança nos dados obtidos e levando a um resultado global de menor confiabilidade.)

Ocorre, em realidade, que diversas razões levam, em geral, à necessidade de recorrer-se apenas aos elementos de uma amostra. Entre elas, podemos citar o custo do levantamento de dados e o tempo necessário para realizá-lo, especialmente se a população for muito grande. Ou, então, podemos não ter acesso fácil ou possível a todos os elementos da população, etc." (p.2 - texto entre parênteses corresponde a nota de rodapé do autor)

Pelo exposto, justificamos a utilização da população e não da amostra, visto o pequeno número de elementos que a compõem, a relativa facilidade em coletar os dados e a alta confiabilidade dos mesmos, por terem sido colhidos por apenas um pesquisador.

Para clarificarmos um pouco mais a diferença entre Estatística Indutiva e Estatística Descritiva, consideremos ainda COSTA NETO (1977)[05]:

> "O objetivo da Estatística Indutiva é o de tirar conclusões sobre populações com base nos resultados observados em amostras extraídas dessas populações. O próprio termo "indutiva" decorre da existência de um processo de indução, isto é, um processo de raciocínio em que, partindo-se do conhecimento de uma parte, procura-se tirar conclusões sobre a realidade, no todo.
>
> É fácil perceber que um professor de indução não pode ser exato. Ao induzir, portanto, estamos sempre sujeitos a erro. A Estatística Indutiva, entretanto, irá nos dizer até que ponto poderemos estar errando em nossas induções, e com que probabilidade. Esse fato é fundamental para que uma indução (ou inferência) possa ser considerada estatística, e faz parte dos objetivos da Estatística Indutiva." (p.2-3)

COSTA NETO (1977)[05] complementa:

"Por outro lado, antes de iniciar qualquer análise dos dados através dos métodos da Estatística Indutiva, é preciso organizar os dados da amostra, o que é feito com as técnicas da Estatística Descritiva." (p.3)

Em nossa pesquisa, fizemos uso das técnicas da Estatística Descritiva, ilustrando através de gráficos, os dados colhidos e organizando-os em tabelas, quando calculamos o coeficiente de variação da nota escolar para cada disciplina pesquisada.

Finalizando, COSTA NETO (1977)[05] valida nossa opção:

"Do ponto de vista do presente capítulo, será irrelevante se o conjunto de elementos observados constitui uma amostra ou toda a população. De qualquer modo, uma vez dispondo-se dos resultados observados, o passo seguinte deverá ser, necessariamente, extrair as informações contidas nesses resultados. Esse é o papel da Estatística Descritiva, cujas técnicas serão vistas a seguir." (p.5)

Em COSTA NETO (1977)[05], encontramos detalhadamente a explicação dos cálculos que usamos:

> "Além da descrição gráfica, muitas vezes é necessário sumariar certas características das distribuições de freqüências por meio de certas quantidades que iremos estudar a seguir. Tais quantidades são usualmente denominadas de medidas da distribuição de freqüências, por procurarem quantificar alguns de seus aspectos de interesse. (...) As medidas de posição e de dispersão são, sem dúvida, as mais importantes ..." (p.20)

Esclarecendo sobre medidas de posição COSTA NETO (1977)[05] salienta:

> "As medidas de posição servem para localizar a distribuição de freqüências sobre o eixo de variação da variável em questão. Estudaremos três tipos de medidas de posição: a média, a mediana e a moda." (p.20)

Em nossa pesquisa utilizamos como medida de posição, apenas a média aritmética, vulgarmente conhecida por média simples. Optamos pela medida de posição mais simples e também por ser a mais usada.

Quanto as medidas de dispersão, podemos verificar em COSTA NETO (1977)[05]:

> "A informação fornecida pelas medidas de posição necessita em geral ser completada pelas medidas de dispersão. Estas servem para indicar o quanto os dados se apresentam dispersos em torno da região central. Caracterizam, portanto, o grau de variação existente no conjunto de valores. As medidas de dispersão que nos interessam são a amplitude, a variância, o desvio-padrão e o coeficiente de variação." (p.25)

O uso apenas do coeficiente de variação é suficiente para a boa análise dos dados do presente trabalho, como podemos confirmar em COSTA NETO (1977)[05]:

> "O coeficiente de variação é definido como o quociente entre o desvio-padrão e a média. É freqüentemente expresso em porcentagem. Sua vantagem é caracterizar a dispersão dos dados em termos relativos a seu valor médio. Assim, uma pequena dispersão absoluta pode ser, na verdade, considerável quando comparada com a ordem de grandeza dos valores da variável e vice-versa. Quando consideramos o coeficiente de variação, enganos de interpretação desse tipo são evitados." (p.29)

Resumindo, apresentaremos gráficos ilustrando a distribuição das notas escolares no período considerado, utilizando a média aritmética como medida de posição; e tabelas, com os mesmo dados, utilizando o coeficiente de variação como medida de dispersão para análise dos dados coletados.

5 - RESULTADOS

O coeficiente de variação da nota escolar atribuída a disciplina de Língua Portuguesa nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru; é de 8,24%, conforme dados da Tabela 01.

O coeficiente de variação da nota escolar atribuída a disciplina de Matemática nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas são especiais, na cidade de Bauru; é de 7,12%, conforme dados da Tabela 02.

O coeficiente de variação da nota escolar atribuída a disciplina de Ciências nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas são especiais, na cidade de Bauru; é de 9,27%, conforme dados da Tabela 03.

O coeficiente de variação da nota escolar atribuída a disciplina de Estudos Sociais nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas são especiais, na cidade de Bauru; é de 8,87%, conforme dados da Tabela 04.

O coeficiente de variação anual da média da nota escolar atribuída a disciplina de Língua Portuguesa nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas são especiais, na cidade de Bauru; é de 2,27% para o primeiro ano, 0,60% para o segundo ano, 6,74% no terceiro anos e 5,25% no quarto ano, conforme dados da Tabela 05.

O coeficiente de variação anual da média da nota escolar atribuída a disciplina de Matemática nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas são especiais, na cidade de Bauru; é de 2,88% para o primeiro ano, 3,52% para o segundo ano, 3,72% no terceiro anos e 2,34% no quarto ano, conforme dados da Tabela 06.

O coeficiente de variação anual da média da nota escolar atribuída a disciplina de Ciências nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas são especiais, na cidade de Bauru; é de 6,10% para o primeiro ano, 7,17% para o segundo ano, 5,54% no terceiro anos e 3,88% no quarto ano, conforme dados da Tabela 07.

O coeficiente de variação anual da média da nota escolar atribuída a disciplina de Estudos Sociais nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas são especiais, na cidade de Bauru; é de 6,85% para o primeiro ano, 4,16% para o segundo ano, 3,04% no terceiro anos e 9,82% no quarto ano, conforme dados da Tabela 08.

Os Gráficos 01, 02, 03 e 04 apresentam, respectivamente, o comportamento decrescente dos valores da variação demonstrada nas tabelas supra citadas nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Estudos Sociais, no período considerado.

6 - DISCUSSÃO

Pelos resultados apresentados, verificamos um comportamento semelhante do coeficiente de variação da nota escolar em todas as disciplinas analisadas, com uma pequena diferença quanto a disciplina de Matemática com apenas um ponto percentual inferior às demais. Este resultado justifica-se pela característica da própria disciplina que constitui uma linguagem própria da Matemática, menos dependente da comunicação verbal oral para seu entendimento.

Considerando o comportamento da média das notas escolares em grupos de quatro bimestres, ou seja, um ano letivo, também observamos um comportamento semelhante em todas as disciplinas, com coeficientes de variação relativamente baixos, porém sempre apresentando queda na nota escolar. Tal observação torna-se bastante nítida principalmente quando observamos os gráficos.

Em nossa proposta de verificarmos o reflexo na nota escolar, fica claro o posicionamento de um reflexo negativo, uma vez que no transcurso do atendimento multidisciplinar, a nota escolar diminui; porém devemos também tentar levantar as causas desse decréscimo na nota escolar.

Será que a criança deficiente auditiva, tendo suas potencialidades trabalhadas pela equipe multidisciplinar, perde a capacidade de concentração na escola?

Ou será seu lado social, estimulado e trabalhado pela equipe do CEDALVI que favorecendo seu relacionamento com o grupo, acaba causando a dispersão da atenção na sala de aula?

Tantas outras questões podem ser levantadas a partir desses resultados, merecendo pesquisas posteriores.

7 - CONCLUSÕES

Pelos dados apresentados nas Tabelas de 01 a 04, observamos um coeficiente de variação da nota escolar, em média, inferior a 10% durante o período considerado, em todas as disciplinas analisadas,

Já pelos gráficos de 01 a 04, podemos verificar como a variação das notas se distribuem através do mesmo período, complementando as informações da tabela, indicando a direção da variação da nota escolar.

Pelas tabelas de 05 a 08, percebemos melhor o coeficiente de variação em cada ano letivo, caracterizando melhor as variações ilustradas nas gráficos de 01 a 04.

Assim, concluímos que o reflexo da atuação profissional multidisciplinar na nota escolar de crianças portadoras de deficiência auditiva, atendidas pelo CEDALVI - USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru, considerando-se as disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Ciências e Estudos Sociais do ensino elementar; é um decréscimo em seus valores no decorrer de 16 bimestres, com uma variação média inferior a 10 pontos percentuais.

8 - COMENTÁRIOS FINAIS

A preocupação com a simplicidade da pesquisa tornou obrigatória a revisão de estatística para que os termos utilizados não fossem mal interpretados. Cabe aqui ressalvar que, mesmo em Estatística, o mesmo cálculo tem formulas diversas, variando o tipo de amostra ou censo que se está analisando. Assim, senti a necessidade de compartilhar minha pesquisa na área estatística com os colegas da área das ciências humanas, achando por bem registrar todos os detalhes de meu trabalho de levantamento estatístico.

Oportunamente registro que todos os cálculos foram executados por computador, utilizando o programa (planilha de cálculo) "Lotus 123", e por esse motivo não manipulei diretamente as formulas usadas para cada operação matemática.

Aguçado pela curiosidade científica, não poderíamos deixar de agrupar os dados aqui registrados em duas categorias, para verificarmos alguma alteração significativa quanto a diferença na nota escolar das crianças atendidas por escolas públicas e crianças atendidas por escolas particulares. Estes resultados serão publicados oportunamente, pois fogem ao objetivo desta pesquisa.

Durante a pesquisa, alguns fenômenos chamaram nossa atenção, tais como:

- ♦ número elevado de crianças que interrompem o tratamento no CEDALVI,
- ♦ número elevado de crianças que deixam a escola,
- ♦ atraso no inicio da escolarização do portador de deficiência auditiva,
- ♦ declínio progressivo da nota escolar.

Estes, assim como outros detalhes de nossa população merecem estudos pormenorizados; como também a verificação da variação na nota escolar junto a crianças não portadoras de deficiência auditiva, para compararmos seu resultado com o fenômeno aqui levantado.

GLOSSÁRIO

Para facilitar o entendimento de alguns termos técnicos ou pouco usuais, compilamos um pequeno glossário das palavras utilizadas neste trabalho, tendo como fonte, nossa formação acadêmica na área de saúde e nossa convivência com outros profissionais no CEDALVI.

audiometria tonal - exame da capacidade auditiva para alturas de som diferentes, som proveniente de uma mesma fonte (audiômetro) e do qual se faz variar a altura e a intensidade.

BERA - exame do tronco cerebral quando verifica-se quanto o cérebro responde a um estímulo sonoro. São fixados eletrodos na pele e um aparelho registra graficamente a resposta ao estímulo.

córtex - camada mais periférica do cérebro.

decibel - unidade logarítmica de intensidade sonora, sendo a menor diferença de intensidade perceptível à audição para um som de 1.000 freqüências por segundo.

ECOG - exame que avalia a função da cóclea, usado genericamente em crianças pequenas. São fixados eletrodos na pele e um aparelho registra graficamente a resposta ao estímulo.

foneticista - especialista em fonética.

foniatra - médico especializado no tratamento das perturbações da fala resultantes de anomalia anatômica ou fisiológica do aparelho fonador.

Fundação Projeto Rondon - instituição que deu novas condições de natureza jurídica, administrativa e funcional mais adequadas em 1975, para o então Projeto Rondon que tinha como objetivo a complementação da formação universitária, visando a integração do jovem e da própria Universidade à realidade brasileira.

impedanciometria - exame que verifica basicamente a facilitação ou resistência da passagem do som pela membrana timpânica. Também constata-se reflexos no ouvido médio.

neurônio - conjunto de estruturas que constitui a célula nervosa.

onda sonora - onda de pressão que se propaga num meio elástico, tendo a freqüência situada entre 20 e 20.000 Hz, e que é responsável pelos fenômenos acústicos.

ossículos - ossos muito pequenos.

otologista - médico especializado no tratamento de doenças do ouvido.

Rotary Club - unidade organizacional do Rotary International, organização fundada nos Estados Unidos em 1904, com o fim de prestar serviços à comunidade e estabelecer laços de compreensão mundial.

screening - técnica de exame que vasculha de forma geral, a percepção sonora do paciente, ou seja, triagem auditiva.

subcortical - região do cérebro, logo abaixo do córtex.

tomografia - exame radiológico que tem por finalidade obter a radiografia de uma fina camada de órgão a uma profundidade desejada.

TABELAS

Tabela 01 - Nota Escolar atribuída a disciplina de Língua Portuguesa nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru.

bi\su	a	b	c	d	e	f	g	h	média
01	6,00	6,00	5,00	9,00	6,00	7,00	9,00	4,00	6,50
02	6,00	6,00	6,00	9,00	6,00	8,00	8,50	4,00	6,69
03	10,00	6,00	2,00	8,50	6,00	7,50	7,00	4,00	6,38
04	10,00	6,00	2,00	8,50	6,00	8,50	9,00	4,00	6,75
05	7,00	6,00	7,00	9,50	6,00	7,50	8,00	8,00	7,38
06	6,50	6,00	7,00	6,50	6,00	9,00	10,00	8,00	7,38
07	7,00	6,00	6,00	8,50	6,00	8,00	10,00	8,00	7,44
08	8,00	6,00	7,00	6,50	6,00	8,50	8,50	8,00	7,31
09	8,00	8,00	7,00	8,00	6,00	7,50	9,00	8,00	7,69
10	6,50	6,00	5,00	6,50	6,00	7,50	8,00	8,00	6,69
11	5,00	8,00	6,00	6,50	6,00	8,00	8,00	8,00	6,94
12	6,50	6,00	6,00	5,00	6,00	8,50	7,50	6,00	6,44
13	6,50	6,00	4,00	6,50	6,00	6,50	7,00	8,00	6,31
14	6,00	6,00	1,00	7,00	4,00	6,50	8,00	8,00	5,81
15	8,00	6,00	5,00	7,00	6,00	7,00	7,00	6,00	6,50
16	7,00	6,00	1,00	8,50	2,00	8,00	7,50	6,00	5,75

coeficiente de variação = 8,24%

Abreviaturas usadas nesta tabela:

bi = bimestre letivo

su = sujeito da pesquisa

Tabela 02 - Nota Escolar atribuída a disciplina de Matemática nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru.

bi\su	a	b	c	d	e	f	g	h	média
01	6,00	6,00	9,00	9,00	6,00	9,50	7,00	4,00	7,06
02	6,00	6,00	7,00	9,00	6,00	9,50	5,50	4,00	6,63
03	10,00	6,00	2,00	8,00	6,00	9,50	9,00	4,00	6,81
04	10,00	6,00	3,00	6,00	6,00	9,00	8,50	4,00	6,56
05	9,50	6,00	7,00	8,50	6,00	8,00	10,00	8,00	7,88
06	9,50	6,00	8,00	8,50	6,00	9,50	10,00	8,00	8,19
07	8,50	6,00	7,00	7,00	6,00	9,00	9,00	8,00	7,56
08	7,50	6,00	6,00	6,50	6,00	9,00	9,00	8,00	7,50
09	9,00	8,00	7,00	7,00	6,00	9,00	7,00	8,00	7,63
10	9,00	6,00	6,00	6,00	6,00	9,00	7,00	6,00	6,88
11	8,00	8,00	6,00	5,50	6,00	9,50	7,00	8,00	7,25
12	8,00	8,00	8,00	6,50	6,00	9,50	7,00	6,00	7,38
13	8,50	8,00	6,00	4,00	4,00	8,50	6,50	6,00	6,44
14	8,50	8,00	3,00	8,00	4,00	7,00	6,50	8,00	6,63
15	8,50	8,00	5,00	7,00	4,00	8,00	6,50	8,00	6,88
16	9,50	8,00	4,00	7,50	2,00	8,00	6,00	8,00	6,63

coeficiente de variação = 7,12%

Abreviaturas usadas nesta tabela:

bi = bimestre letivo

su = sujeito da pesquisa

Tabela 03 - Nota Escolar atribuída a disciplina de Ciências nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru.

bi\su	a	b	c	d	e	f	g	h	média
01	6,00	6,00	9,00	9,00	6,00	8,50	10,00	4,00	7,31
02	6,00	6,00	7,00	10,00	6,00	9,00	10,00	4,00	7,25
03	10,00	6,00	2,00	5,00	6,00	9,00	8,00	4,00	6,25
04	10,00	6,00	3,00	7,50	6,00	10,00	10,00	4,00	7,06
05	6,00	6,00	4,00	8,00	6,00	7,00	9,00	8,00	6,75
06	7,00	6,00	8,00	9,50	6,00	9,00	9,50	8,00	7,88
07	8,00	6,00	10,00	8,50	6,00	9,50	9,00	8,00	8,13
08	7,50	6,00	6,00	8,00	6,00	9,00	9,50	6,00	7,25
09	8,50	8,00	5,00	7,00	6,00	9,00	8,50	8,00	7,50
10	8,50	8,00	7,00	6,50	6,00	7,50	7,50	8,00	7,38
11	7,50	6,00	7,00	8,50	6,00	9,00	8,00	8,00	7,50
12	7,00	8,00	8,00	2,50	6,00	7,00	8,00	6,00	6,56
13	8,50	6,00	3,00	9,00	4,00	8,50	6,50	6,00	6,44
14	7,00	6,00	2,00	9,00	2,00	10,00	8,00	4,00	6,00
15	7,00	6,00	1,00	9,00	4,00	8,00	8,00	4,00	5,88
16	6,00	8,00	3,00	9,00	2,00	9,00	10,00	4,00	6,38

coeficiente de variação = 9,27%

Abreviaturas usadas nesta tabela:

bi = bimestre letivo

su = sujeito da pesquisa

Tabela 04 - Nota Escolar atribuída a disciplina de Estudos Sociais nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru.

bi\su	a	b	c	d	e	f	g	h	média
01	6,00	6,00	10,00	10,00	6,00	8,00	10,00	4,00	7,50
02	6,00	6,00	10,00	9,00	6,00	8,00	10,00	4,00	7,38
03	10,00	6,00	2,00	6,00	6,00	8,25	8,00	4,00	6,28
04	10,00	6,00	1,00	10,00	6,00	8,00	10,00	4,00	6,88
05	7,50	6,00	6,00	8,50	6,00	8,75	9,75	8,00	7,56
06	8,00	6,00	9,00	10,00	6,00	9,50	9,75	8,00	8,28
07	8,75	6,00	8,00	8,50	6,00	8,00	9,50	8,00	7,84
08	9,00	6,00	5,00	9,00	6,00	9,00	9,50	6,00	7,44
09	8,25	6,00	5,00	7,25	6,00	6,50	9,00	8,00	7,00
10	7,50	6,00	4,00	8,25	6,00	8,25	9,00	8,00	7,13
11	6.75	6,00	7,00	6,50	6,00	7,75	8,00	8,00	7,00
12	7,25	10,00	8,00	5,75	6,00	8,00	8,25	7,00	7,53
13	6,50	7,00	2,50	8,00	6,00	7,00	8,00	6,00	6,38
14	7,50	6,00	2,50	6,50	4,00	7,50	8,25	5,00	5,91
15	5,75	9,00	1,50	7,75	6,00	7,75	8,00	4,00	6,22
16	7,25	8,00	4,00	9,50	4,00	9,00	9,00	10,00	7,59

coeficiente de variação = 8,87%

Abreviaturas usadas nesta tabela:

bi = bimestre letivo

su = sujeito da pesquisa

Tabela 05 - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Língua Portuguesa nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru.

bi	média	coeficiente de variação anual
01	6,50	
02	6,69	
03	6,38	
04	6,75	1º ano = 2,27%
05	7,38	
06	7,38	
07	7,44	
08	7,31	2º ano = 0,60%
09	7,69	
10	6,69	
11	6,94	
12	6,44	3º ano = 6,74%
13	6,31	
14	5,81	
15	6,50	
16	5,75	4º ano = 5,25%

Abreviaturas usadas nesta tabela:

bi = bimestre letivo

Tabela 06 - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Matemática nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru.

bi	média	coeficiente de variação anual
01	7,06	
02	6,63	
03	6,81	
04	6,56	1º ano = 2,88%
05	7,88	
06	8,19	
07	7,56	
08	7,50	2º ano = 3,52%
09	7,63	
10	6,88	
11	7,25	
12	7,38	3º ano = 3,72%
13	6,44	
14	6,63	
15	6,88	
16	6,63	4º ano = 2,34%

Abreviaturas usadas nesta tabela:

bi = bimestre letivo

Tabela 07 - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Ciências nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru.

bi	média	coeficiente de variação anual
01	7,31	
02	7,25	
03	6,25	
04	7,06	1º ano = 6,10%
05	6,75	
06	7,88	
07	8,13	
08	7,25	2º ano = 7,17%
09	7,50	
10	7,38	
11	7,50	
12	6,56	3º ano = 5,54%
13	6,44	
14	6,00	
15	5,88	
16	6,38	4º ano = 3,88%

Abreviaturas usadas nesta tabela:

bi = bimestre letivo

Tabela 08 - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Estudos Sociais nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru.

bi	média	coeficiente de variação anual
01	7,50	
02	7,38	
03	6,28	
04	6,88	1º ano = 6,85%
05	7,56	
06	8,28	
07	7,84	
08	7,44	2º ano = 4,16%
09	7,00	
10	7,13	
11	7,00	
12	7,53	3º ano = 3,04%
13	6,38	
14	5,91	
15	6,22	
16	7,59	4º ano = 9,82%

Abreviaturas usadas nesta tabela:

bi = bimestre letivo

GRÁFICOS

Gráfico 01 - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Língua Portuguesa nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru.

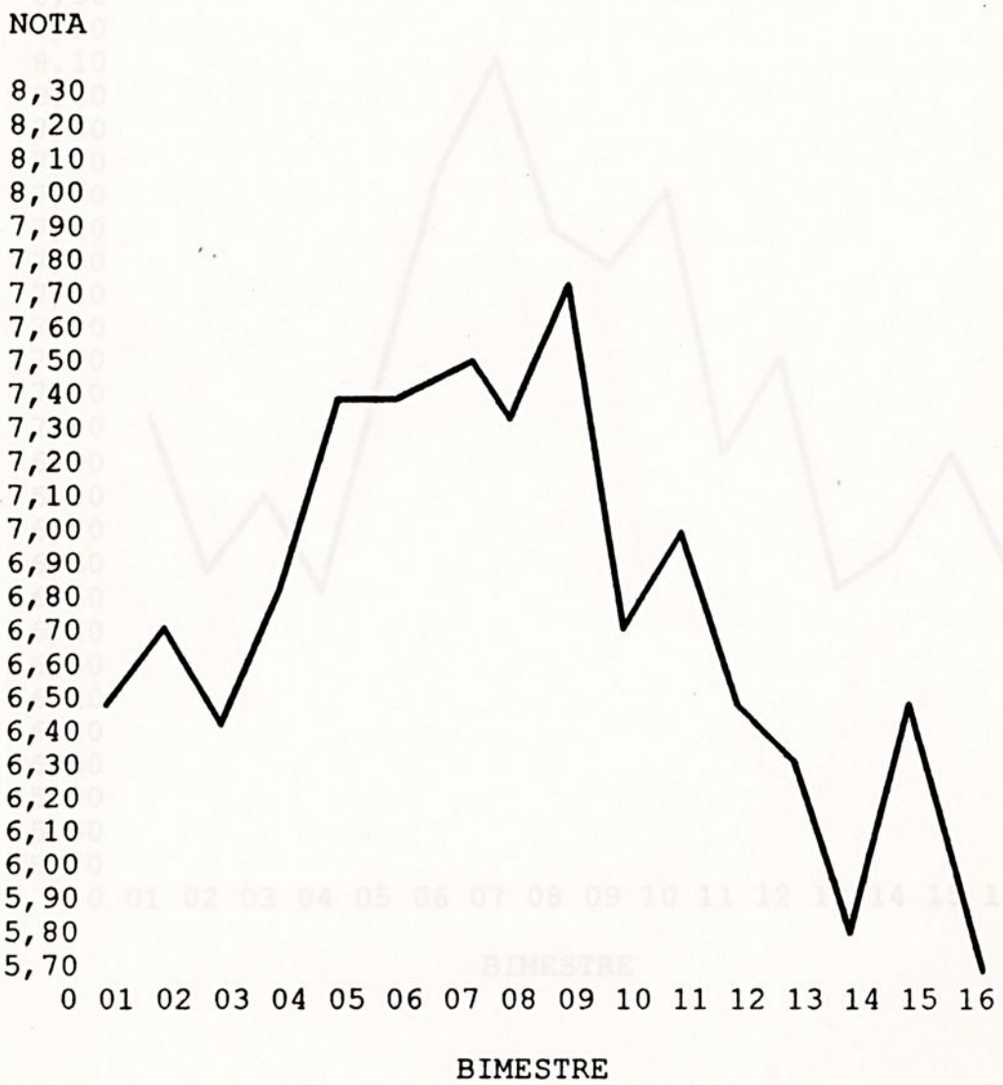


Gráfico 02 - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Matemática nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru.

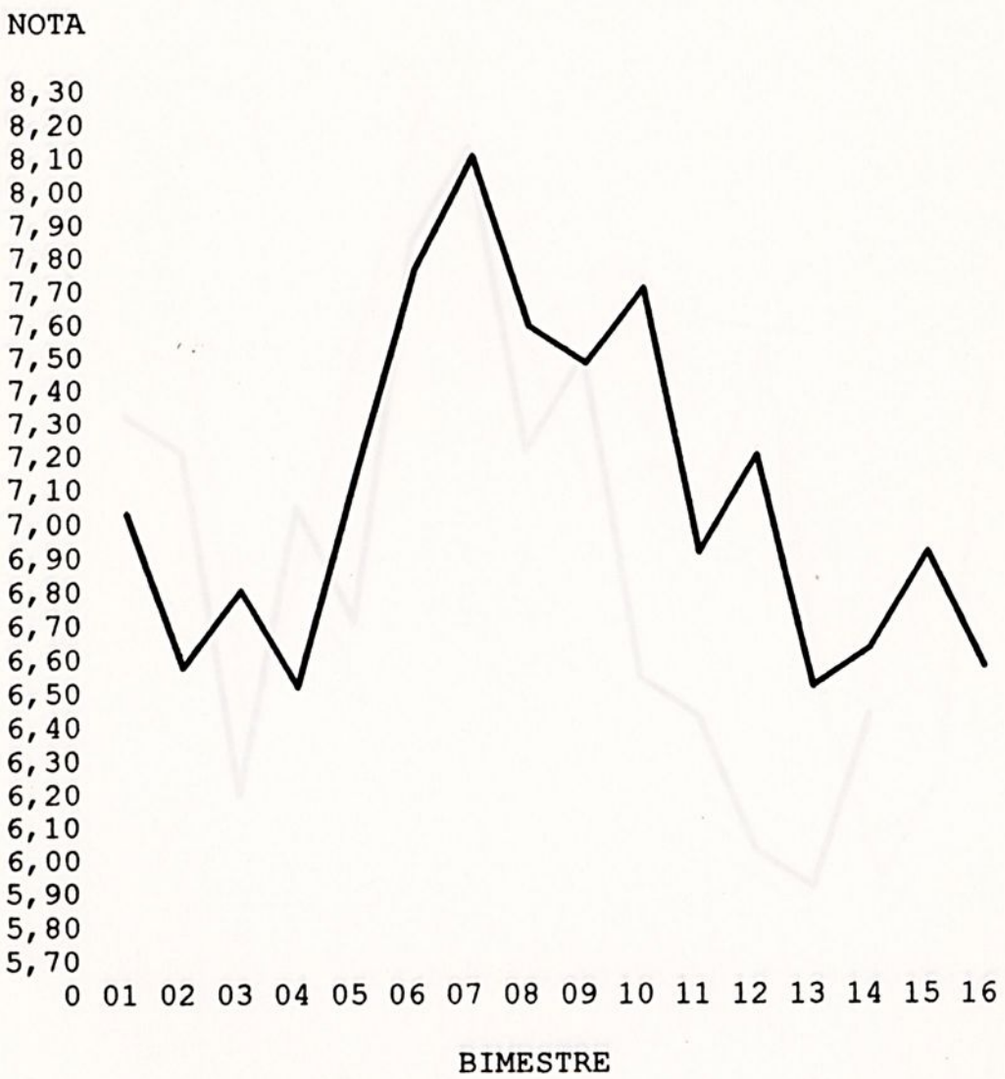


Gráfico 03 - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Ciências nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru.

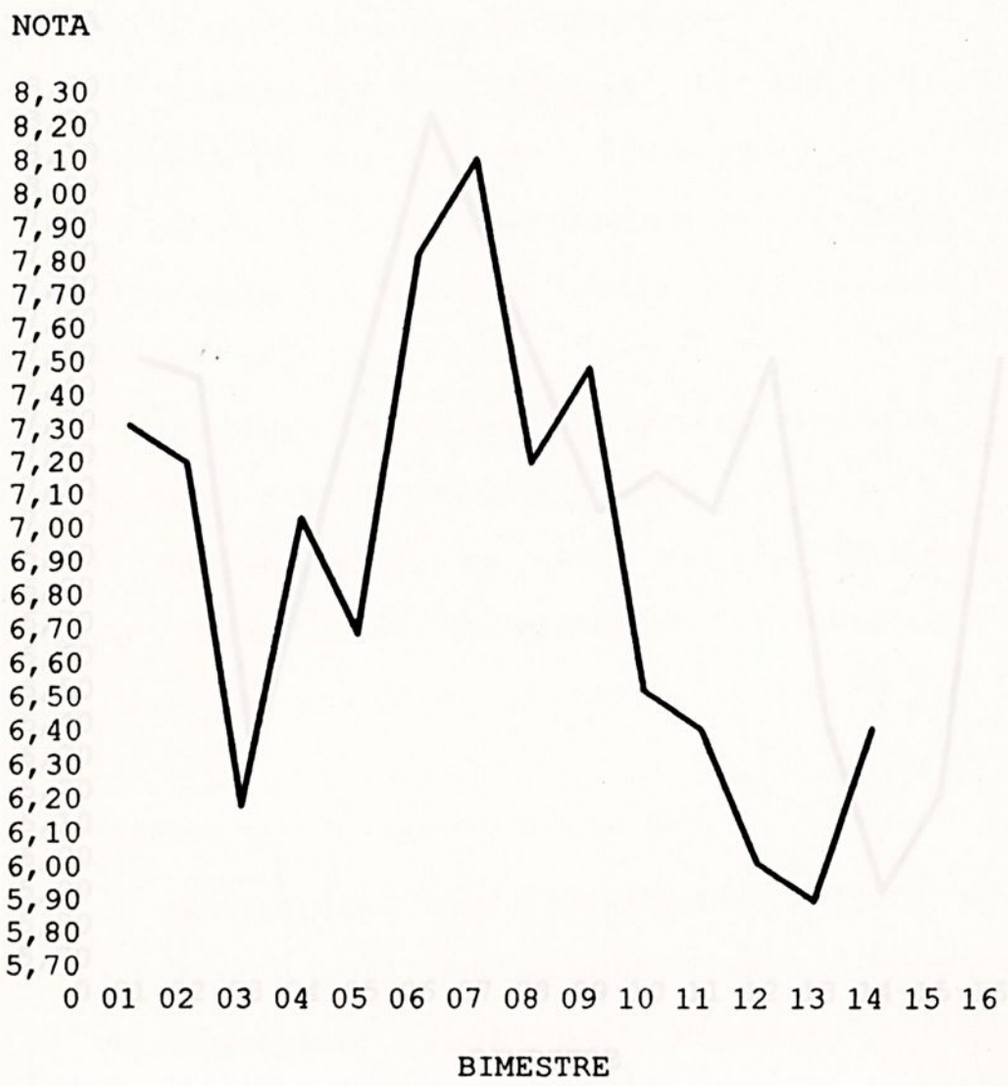
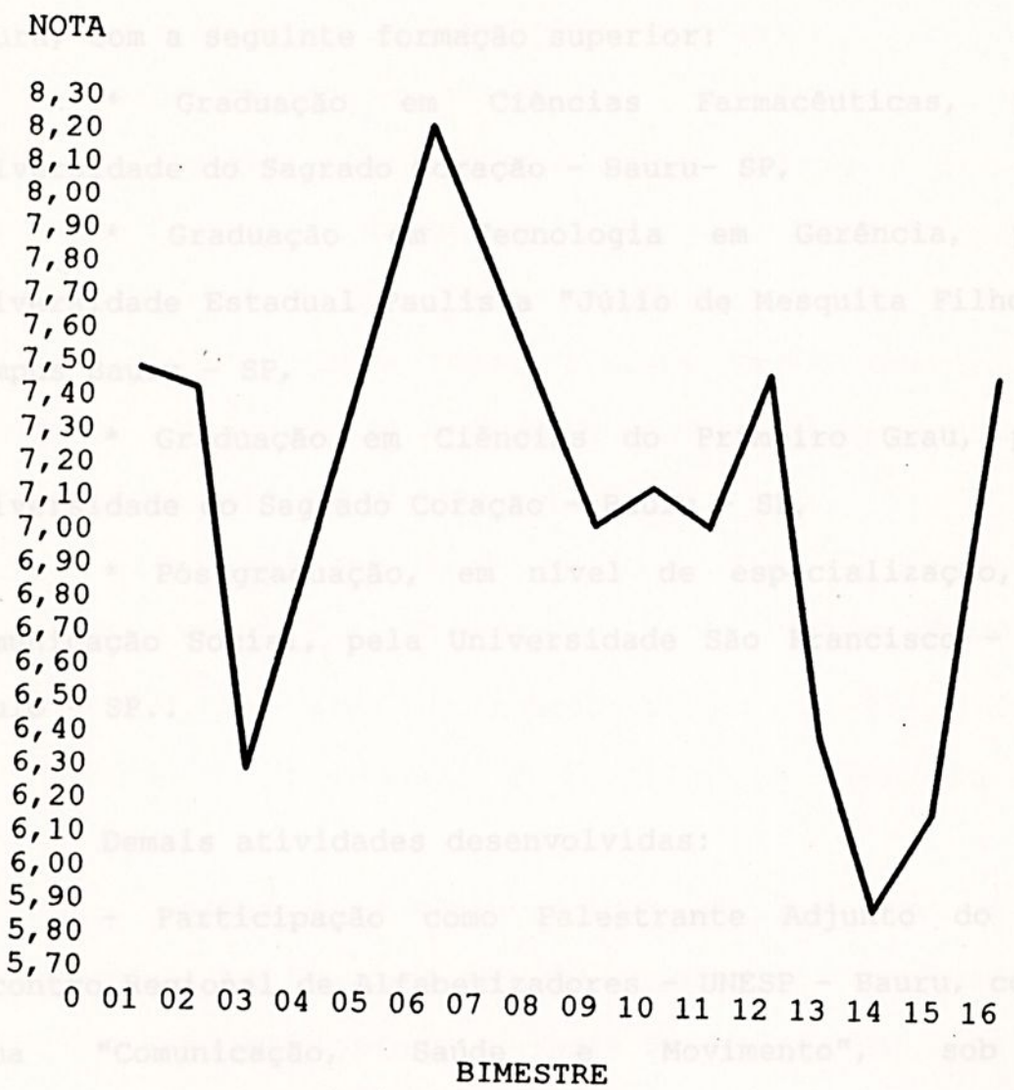


Gráfico 04 - Média da Nota Escolar atribuída a disciplina de Estudos Sociais nos 16 bimestres do ensino fundamental das crianças portadoras de deficiência auditiva nascidas entre 1981 e 1983, atendidas pelo CEDALVI-USP, que estudam em escolas não especiais, na cidade de Bauru.



ANEXOS

I - APRESENTAÇÃO PESSOAL

O presente estudo foi elaborado e desenvolvido por Edvaldo José Sant´Anna, 26 anos, brasileiro, solteiro, natural de Cabrália Paulista, atualmente residindo em Bauru, com a seguinte formação superior:

* Graduação em Ciências Farmacêuticas, pela Universidade do Sagrado Coração - Bauru- SP,

* Graduação em Tecnologia em Gerência, pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus Bauru - SP,

* Graduação em Ciências do Primeiro Grau, pela Universidade do Sagrado Coração - Bauru - SP,

* Pós-graduação, em nível de especialização, em Comunicação Social, pela Universidade São Francisco - São Paulo - SP..

Demais atividades desenvolvidas:

- Participação como Palestrante Adjunto do 2º. Encontro Regional de Alfabetizadores - UNESP - Bauru, com o tema "Comunicação, Saúde e Movimento", sob a responsabilidade do Prof. Dr. Sidney Carlos Aznar.

- Participação em oficina de "Iniciação às Danças de Salão", promovida pela Secretaria de Estado da Cultura, através do Departamento de Formação Cultural, pela Oficina Cultural Regional "Glauco Pinto de Moraes".

- Participação no VI Encontro Internacional de Audiologia, promovido pelo Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais da Universidade de São Paulo e Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

- Apresentação do pôster: "D.A. Corpore - Grupo de Expressão Corporal", durante o VI Encontro Internacional de Audiologia, promovido pelo Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais da Universidade de São Paulo e Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

- Apresentação de Fórum Científico - Oficina de Expressão Corporal - "Expressão Corporal Como Forma de Convivência", na área de Fonoaudiologia na 29ª. Semana Comemorativa do Aniversário da Faculdade de Odontologia de Bauru - USP.

- Coordenação e ministração do curso de Treinamento de Liderança, no Programa de Participação da Comunidade na Gestão do Município, promovido pela Prefeitura Municipal de Dracena - SP.

- Visita Técnica ao Centro de Reabilitação "Professor Dr. Gabriel Porto", da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP - Campinas - SP, promovida pelo Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais da Universidade de São Paulo.

- Visita Técnica à APASCAMP - Associação de Surdos de Campinas, promovida pelo Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais da Universidade de São Paulo.

- Visita Técnica ao CEAL "Centro Educacional da Audição e Linguagem "Ludovico Pavoni" - Brasília - DF, promovida pela CORDE - Coordenadoria Nacional Para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência - Regional Goiás.

- Participação no Seminário: "Arte, Vida e o Portador de Deficiência", na cidade de São Paulo e Coordenação da apresentação do Grupo "D.A. Corpore", na mostra de artes do referido seminário, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo.

- Participação na Comissão Executiva do VII Encontro Internacional de Audiologia, promovido pelo Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais da Universidade de São Paulo.

- Atuação como intérprete na visita do Prof. Dr. Carl W. Asp, responsável pelo Departamento de Audiologia de Tennessee - EUA - ao Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais da Universidade de São Paulo e acompanhamento nas visitas realizadas na cidade de Bauru.

- Participação, como Membro Integrante da Comissão Julgadora do Carnaval de Bauru, de 1992, a convite da Prefeitura Municipal, pela SECELT - Secretaria de Cultura, Esporte, Lazer e Turismo, através do Secretário Municipal de Cultura, Prof. Antonio Carlos Barbosa e do Presidente da Comissão Julgadora, Prof. Dr. Sidney Carlos Aznar.

- Participação no VII Encontro Internacional de Audiologia, promovido pelo Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais da Universidade de São Paulo e Programa de Estudos Pós-Graduados da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

- Participação no curso: "Emissões Oto-acústicas: conceitos gerais e aplicação clínica", ministrado pelos Profs. Drs. Gilberto Gattaz e Orozimbo Alves Costa Filho.

- Coordenação da Oficina: "Como Explorar a Expressão Corporal com Portadores de Deficiência", promovida pela Secretaria de Estado da Cultura.

- Ministração da aula: Metodologias Específicas - Deficiência Auditiva, com o tema: "Expressão Corporal para o deficiente auditivo", como parte integrante do Curso de Reabilitação em Deficientes, promovido pelo Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais da Universidade de São Paulo.

- Participação no III Encontro Regional de Alfabetizadores - UNESP - Bauru, promovido pelo Departamento de Educação da Faculdade de Ciências da UNESP - Bauru.

- Coordenação da Oficina: "Como Explorar a Expressão Corporal com Portadores de Deficiência", promovida pela Secretaria de Estado da Cultura e destinada a portadores de deficiência.

- Atuação como estagiário voluntário no CEDALVI - Centro de Atendimento aos Distúrbios da Audição, Linguagem e Visão do Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais da Universidade de São Paulo, em atividades de interação inter-pacientes, como também entre profissionais, pacientes e familiares e Animador Corporal do Grupo "D.A. Corpore".

- Participação no I Congresso Nacional da Evolução Educacional Terapêutica e Científica da Pessoa Portadora de Deficiência, promovido pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais "APAE-RIO", no Centro de Convenções do Hotel Nacional - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

- Participação no I Congresso Nacional da Evolução Educacional Terapêutica e Científica da Pessoa Portadora de Deficiência, promovido pela Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais "APAE-RIO", como expositor dos Vídeos: "25 anos de Centrinho" e "Dançaterapia", no Centro de Convenções do Hotel Nacional - Rio de Janeiro - RJ - Brasil.

- Participação no curso "As Diferentes Práticas Interdisciplinares", ministrado pela Profa. Dra. Regina Bochniak, na cidade de Bauru.

- Participação na XXXIII Semana da Faculdade - I Jornada de Fonoaudiologia, promovida pelo Curso de Fonoaudiologia, realizada na Universidade Estadual Paulista - Campus Marília.

- Coordenação da Oficina: "Entre na Dançaterapia", promovida pelo Curso de Fonoaudiologia, realizada na Universidade Estadual Paulista - Campus Marília, durante a I Jornada de Fonoaudiologia.

- Participação no Seminário sobre Deficiência Auditiva, promovido pelo Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais da Universidade de São Paulo - Unidade de Ensino e Pesquisa.

- Participação na "II Mostra de Trabalhos Corporais Por Pessoas Portadoras de Deficiência", promovida pelo Fundo Social de Solidariedade do Município de Olímpia, no Ginásio de Esportes "Olinto Zambom", realizado pela Prefeitura Municipal de Olímpia - SP.

- Participação no Curso de Aperfeiçoamento: "Preparação de Professores e Profissionais afins para o Ensino Especializado em Deficiência Auditiva e Mental", promovido pelo Centro de Orientação Profissional "Lilian Carla" Sociedade Civil de Educação e Cultura - Bauru, com o apoio do Hospital de Reabilitação de Bauru - Centro de Atendimento aos Portadores de Distúrbios da Audição, Linguagem e Visão, da Universidade de São Paulo - Campus Bauru.

- Participação no I Congresso Multidisciplinar e Multiprofissional de Bauru, promovido pela Associação Paulista de Medicina, na cidade de Bauru - SP.

- Atuação como palestrante, aos alunos do Curso de Licenciatura em Educação Física, junto à disciplina de Educação Física Adaptada da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista, Campus de Bauru, com o tema: "Educação Física Adaptada a Portadores de Deficiência Auditiva".

- Publicação de artigo original em revista cientifica "Pediatria Moderna" vol. XXIX - n.3 - junho/93, em co-autoria com minha orientadora, Profa. Dra. Teresa Corrêa Cariola, entitulado: "Analise do Desenho da Figura Humana, através dos índices emocionais de Snyder & Gaston, realizada por crianças deficientes auditivas".

- Atuação como coordenador do debate "Deficiente: quem não é?" no encerramento do Simpósio sobre Deficiência, promovido pelo curso de Psicologia da UNESP-Bauru.

- Participação no Seminário "A 5a Disciplina - uma nova abordagem organizacional", ministrado pelo Dr. Afonso Carvalho Martins, na cidade de Bauru-SP.

II - RELATÓRIO DE ATIVIDADES DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Em março de 1991, tendo sido aceito como aluno regular do curso de pós-graduação em Educação, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Campus Marìlia, em nível de mestrado, na área de concentração "Ensino na Educação Brasileira", optei pela linha de pesquisa "Psicologia do Desenvolvimento Escolar", sob a orientação da Profa. Dra. Teresa Corrêa Cariola. Desde então, foram cumpridos os 48 créditos teóricos nas seguintes disciplinas:

a)"O Lúdico e o Ensino: organização formal de elementos culturais pelo professor", sob coordenação do Prof. Dr. Lafayete Ibraim Salimon, oferecendo tivemos a oportunidade de reconhecer, vivenciar e organizar formalmente os elementos culturais envolvidos nos conteúdos curriculares do ensino, destacando e valorizando o caráter filosófico e pedagógico da dimensão lúdica da natureza humana.

Conceito atribuído: "A"

b)"Etapas da Investigação Científica", sob coordenação do Prof. Dr. Luiz Barco, quando nos foi possível estudar a construção da ciência, caracterizando a atitude e a investigação científica através da análise da natureza filosófica da ciência, destacando as teorias, as leis e o histórico da investigação. Estudamos também o

método cientifico, a complexidade, a singularidade e a experimentação, alem da identificação e geração de documentos da investigação científica.

Conceito atribuído: "A"

c)"Psicologia Social do Ensino", sob coordenação do Prof. Dr. Sadao Omote, quando estudamos a percepção interpessoal e a relação professor-aluno, alem da percepção do estilo pedagógico, relação pedagógica e vínculo entre professor e aluno.

Conceito atribuído: "A"

d)"Fronteiras entre o Verbal e o Não-Verbal", sob coordenação da Profa Dra. Besma Massad, propiciando a oportunidade de percepção que o significante sonoro ou plástico, associado a um conceito, cria uma significação instauradora do mundo e que os diferentes discursos, embora iguais no processo modalizante, produzem enunciados artísticos diferenciados.

Conceito atribuído: "A"

e)"O Ato de Estudar": uma abordagem psicológica", sob coordenação do Prof. Dr. José Augusto da Silva Pontes Neto, onde pudemos identificar os aspectos básicos do ato de aprender a aprender, a importância do ato de estudar, bem como a valorização do estudo independente como favorecimento à reinvenção e à criticidade.

Conceito atribuído: "A"

unesp

f)"Educação Especial no Brasil" , sob a coordenação do Prof. Dr. João Bosco da Costa Azevedo, verificando a realidade da Educação Especial em nosso país, na diversidade da clientela escolar e as condições do ensino especial.

Conceito atribuído: "B"

III - RECONHECIMENTO PÚBLICO

- Universidade de São Paulo

Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais

Pela dedicação e carinho ao VI Encontro Internacional de Audiologia.

- Caixa Econômica Federal

exemplar do PRESS - Peça de Registro da Extração Especial

Pelos trabalhos de preservação da natureza e na luta ecológica por um ambiente melhor, como Representante da União Internacional de Proteção aos Animais - Bauru.

data: 20 de maio de 1991

- Universidade de São Paulo

Centro de Atendimento aos Distúrbios da Audição, Linguagem e Visão do Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais

carta de agradecimento

Pela dedicação e carinho ao II encontro de Deficientes Auditivos realizado no dia 19 de outubro de 1991, em Bauru.

data: 31 de outubro de 1991.

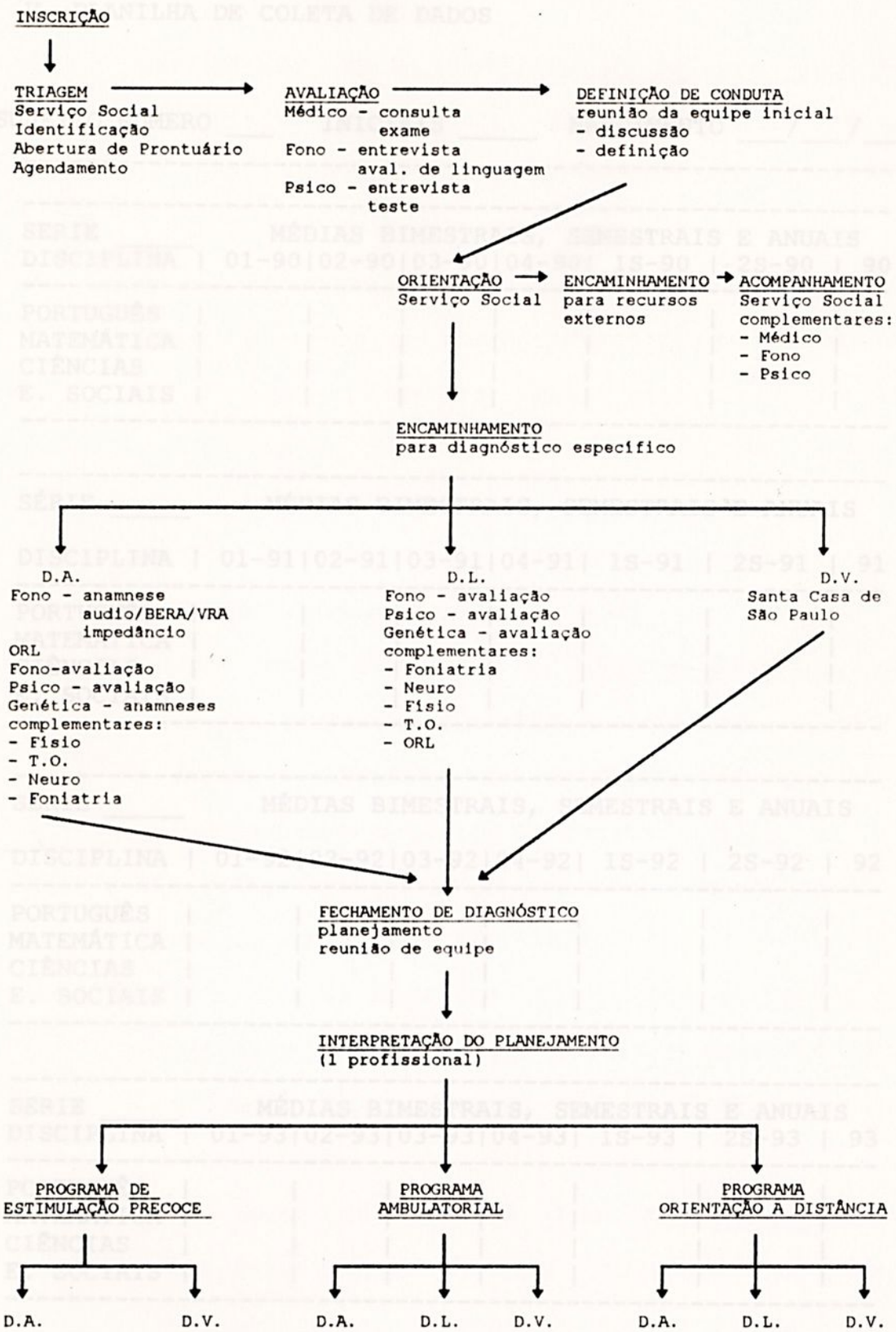
- Universidade do Sagrado Coração

  Prêmio "Irmã Arminda"

  Pela maior média entre 215 formandos do ano de 1993 do Centro de Ciências Biológicas e Profissões da Saúde

  data: 22 de janeiro de 1994.

IV - FLUXOGRAMA DE ATENDIMENTO DO CEDALVI



V -PLANILHA DE COLETA DE DADOS

SUJEITO NÚMERO ___ INICIAIS _____ NASCIMENTO ___/___/___

SERIE _____ MÉDIAS BIMESTRAIS, SEMESTRAIS E ANUAIS

DISCIPLINA	01-90	02-90	03-90	04-90	1S-90	2S-90	90
PORTUGUÊS							
MATEMÁTICA							
CIÊNCIAS							
E. SOCIAIS							

SÉRIE _____ MÉDIAS BIMESTRAIS, SEMESTRAIS E ANUAIS

DISCIPLINA	01-91	02-91	03-91	04-91	1S-91	2S-91	91
PORTUGUÊS							
MATEMÁTICA							
CIÊNCIAS							
E. SOCIAIS							

SERIE _____ MÉDIAS BIMESTRAIS, SEMESTRAIS E ANUAIS

DISCIPLINA	01-92	02-92	03-92	04-92	1S-92	2S-92	92
PORTUGUÊS							
MATEMÁTICA							
CIÊNCIAS							
E. SOCIAIS							

SERIE _____ MÉDIAS BIMESTRAIS, SEMESTRAIS E ANUAIS

DISCIPLINA	01-93	02-93	03-93	04-93	1S-93	2S-93	93
PORTUGUÊS							
MATEMÁTICA							
CIÊNCIAS							
E. SOCIAIS							

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01 - BEVILACQUA, Maria Cecília. A criança deficiente auditiva e a escola, São Paulo, CLR Balieiro, 1987. (Coleção ensinando-aprendendo, aprendendo-ensinando. Cadernos Brasileiros de Educação; v.2)

02 - BRASIL, Departamento de Ensino Fundamental. Avaliação de Materiais de Ensino-Aprendizagem - testagem e validação, Brasília, Ministério da Educação e Cultura, Departamento de Documentação e Divulgação, 1978.

03 - BRASIL, Ministério da Educação. Avaliação, Série Ensino Fundamental, n.11, s.d.

04 - CANZIANI, Maria de Lourdes B. Educação Especial, visão de um processo dinâmico e integrado, Curitiba, EDUCA - Editora Universitária Champagnat da Universidade Católica do Paraná, 1985.

05 - COSTA NETO, Pedro Luís de Oliveira. Estatística, São Paulo, Edgard Blucher, 1977.

06 - EIZIRIK, Marisa Faermann. Distorções perceptuais em situações educacionais: teoria e exemplos, Educ. e Real., Porto Alegre, 9 (3): 7-18, set.-dez., 1984.

07 - ELOVITZ, Gerald P. e SALVIA, John. Attractiveness as a biasing factor in the judgments of school psychologists, Journal of School psychology, 20 (4):339-345, 1982.

08 - GADOTTI, Moacir. Prefácio in: DEMO, Pedro. Avaliação Qualitativa, São Paulo, Cortez: Autores

Associados, 1987. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; v.25)

09 - LANDSHEERE, Gilbert de. Avaliação Contínua e Exames, Coimbra, Livraria Almedina, 3a ed., 1976.

10 - MATOS, Maria Helena dos Santos. Avaliação da aprendizagem na escola pública de 1o grau, da análise do discurso à análise da prática, Marília, UNESP, 1993. (dissertação de Mestrado).

11 - MEDEIROS, Ethel Bauzer. Provas objetivas; técnicas de construção, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, Serviço de Publicações, 1974.

12 - NEVES, Celi da Rocha et all. Avaliação, proposta para melhoria do ensino, Cruz Alta, Gráfica Universitária, 1979.

13 - OMOTE, Sadao. Esteriótipos a respeito de pessoas deficientes. Didática, São Paulo, v.22/23, 1986-87.

14 - OMOTE, Sadao. Reconhecimento de esteriótipos a respeito de pessoas deficientes. Didática, São Paulo, v.26/27, 1990-91.

15 - RAPHAEL, Helia Sonia, A avaliação em salas de aulas públicas: buscando sua compreensão, Marília, UNESP, 1993. (dissertação de Mestrado).

16 - ROSS, Michael B. e SALVIA, John. Attractiveness as a Biasing Factor in Teacher Judgments, American Journal of Mental Deficiency, 80 (01) : 96-98, 1975.

17 - SÃO PAULO, Diário Oficial, Decreto n. 21.833, 28/12/83.

18 - SÃO PAULO, Diário Oficial, Resolução SE n. 241/85, 29/11/85.

19 - STONE, Vathsala I. Avaliação como estratégia para melhoria do processo educacional; mitos e possibilidades, Rio de Janeiro, 1980. (Série Estudos e Pesquisas - Associação Brasileira de Tecnologia Educacional).

20 - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais, Laboratório de Estimulação da Audição e Linguagem. Relatório de Atividades, 1988.

21 - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais, Laboratório de Estimulação da Audição e Linguagem. Relatório de Atividades, 1989.

22 - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, Hospital de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Lábio-Palatais, Laboratório de Estimulação da Audição e Linguagem. Relatório de Atividades, 1990.